UC/FPCE – 2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

# Birras infantis: Desenvolvimento e estudo de um instrumento de avaliação

Filipa Isabel Lapa Seabra (e-mail: filipa_lpseabra@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Maria Cristina Petrucci Albuquerque

**Birras infantis: Desenvolvimento e estudo de um instrumento de avaliação**

O presente estudo pretende: fornecer informações acerca das caraterísticas das birras (frequência, duração, manifestações) e do modo como os pais lidam com estes episódios; investigar a relação entre a frequência e a duração das birras e a idade da criança, assim como a relação entre as manifestações de birra e as estratégias parentais perante as mesmas; analisar as diferenças nas manifestações das birras e nas estratégias parentais associadas em função da idade e do género da criança. Para o efeito, foi elaborado um questionário multidimensional, o Questionário de Birras e Estratégias Parentais (Albuquerque & Seabra, 2016), iniciando-se também a análise da sua validade. Os pais de 161 crianças portuguesas com idades entre os 2 e 6 anos (77 rapazes e 84 raparigas), pertencentes a quatro jardins-de-infância públicos, preencheram o Questionário de Birras e Estratégias Parentais. Os resultados indicaram que as birras são significativamente mais frequentes durante o segundo ano de idade, tendendo a diminuir a partir desse momento, e que a duração tende a aumentar com a idade. No decurso das birras, as crianças mais novas e os rapazes exibiram mais manifestações de raiva do que de angústia e isolamento. As estratégias não punitivas foram as mais utilizadas pelos pais, e as estratégias de cedência foram significativamente mais aplicadas nas crianças com idades inferiores.

Palavras-chave: Birras, crianças do pré-escolar, estratégias parentais.

## Temper tantrums: Development and study of an evaluation tool

The present study aims to: provide information about temper tantrums features (frequency, duration, manifestations) and the way parents deal with these episodes; research the relation between temper tantrums frequency and duration and the child age, as well as the relation between tantrums' manifestations and parental strategies towards; analyze the differences in tantrums' manifestations and associated parental strategies on the basis of children age and gender. A multidimensional questionnaire was designed, the Questionário de Birras e Estratégias Parentais (Temper Tantrums and Parental Strategies Questionnaire) (Albuquerque & Seabra, 2016) and the analysis of its validity is also initiated. Parents of 161 portuguese children between 2 and 6 years (77 boys and 84 girls) from four public kindergartens filled out the Questionário de Birras e Estratégias Parentais. The results showed that tantrums are significantly more frequent across the second year of age and tend to decrease since that moment, while their duration tends to increase with age. During tantrum course, children at a younger age and boys displayed more anger manifestations than distress and isolation. Non-punitive strategies were the most used by parents and yielding strategies were significantly more used with children with a lower age.

*Keywords*: Temper tantrums, preschool children, parental strategies.

## Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Cristina Petrucci de Albuquerque, os meus sinceros agradecimentos pela mestria, rigor, e enorme disponibilidade demonstrada.

Aos jardins-de-infância, pais e cuidadores que colaboraram com esta investigação.

Aos meus queridos pais, pelo amor, por sempre acreditarem em mim, e por serem imprescindíveis na minha vida.

À minha irmãzinha, pela alegria e ternura que sempre me transmite.

Aos meus avós, pelo apoio.

Aos meus amigos, especialmente àqueles que estiveram presentes neste percurso, com os quais partilhei tantas vivências autênticas e inesquecíveis.

## Índice

**Introdução**……...…...1

**I- Enquadramento Teórico**…..…….….2

1. As Birras……....2

2. Prevalência, frequência, duração e manifestações…….…...2

3. O Modelo de raiva-angústia das birras……..9

4. As causas de ocorrência de birras……11

4.1.O desenvolvimento infantil como determinante das birras……11

4.2. Desencadeantes das birras…….……14

5. Relações entre as Birras e as Respostas Parentais……...……15

6. Outros estudos sobre práticas educativas……20

6.1. Práticas disciplinares e idades……...……20

6.2. Comportamentos coercivos parentais e raiva……20

6.3. Práticas educativas e comportamentos externalizantes…….21

**II- Objetivos e Hipóteses**……22

**III- Metodologia**…….……...……23

1. Seleção da amostra……..23

2. Caraterização da amostra…….24

3. Instrumentos……28

3.1. Questionário Sociodemográfico……28

3.2. Questionário das Birras e Estratégias Parentais……28

4. Procedimentos…….……31

**IV- Resultados**…….....……31

1. Frequência das birras……...……32

2. Duração das birras…….……..33

3. Validade de construto…….…….33

4. Consistência Interna……38

5. Análise descritiva das manifestações de birra…….39

6. Análise descritiva das estratégias parentais…….40

7.Comparação das manifestações das birras em função da idade e género.41

8. Comparação das estratégias parentais em função da idade e género…..43

9. Associação entre manifestações de birra e estratégias parentais……..…45

10. Análise descritiva dos motivos de birra…….46

**V- Discussão**……..……..46

**VI- Conclusão**……...……....55
**Bibliografia**……..…….57
**Anexos**……...……63
Anexo 1 - Informação aos pais/ Pedido participação na Investigação

## Introdução

A maioria das pessoas já assistiu a uma birra, seja do próprio filho seja de outra criança. Estes episódios fazem parte de um desenvolvimento infantil normal e saudável e da crescente descoberta de autonomia (Mireault & Trahan, 2007), constituindo um meio de expressão de emoções intensas, como raiva ou frustação (Potegal & Davidson, 2003). As birras são difíceis de prevenir e de interromper (Green, Whitney, & Potegal, 2011), apresentando-se, frequentemente, como uma fonte de preocupação para os pais.

Fornecendo uma janela para a expressão e regulação de emoções em crianças pequenas, as birras têm constituído objeto de estudo científico por vários investigadores (Potegal & Davidson, 2003). Existe, no entanto, ainda muito que explorar ao nível das particularidades destas manifestações e das variáveis que as influenciam. É neste sentido que surge esta investigação, procurando contribuir com mais informação acerca das caraterísticas das birras, das dimensões que as influenciam e das estratégias utilizadas pelos pais face a estes episódios. Um questionário multidimensional, especificamente direcionado às birras infantis é desenvolvido e estudado neste trabalho.

A presente dissertação divide-se em seis capítulos. O primeiro capítulo, Enquadramento Teórico, reúne e analisa a literatura subjacente à temática das birras, abordando a sua definição, frequência, duração e principais manifestações, o modelo de *raiva-angústia*, as causas associadas às birras, e as respostas parentais perante as mesmas. O segundo capítulo expõe os objetivos e hipóteses desta investigação, e no terceiro capítulo apresenta-se a metodologia adotada, incluindo a amostra, instrumentos e procedimentos utilizados. Os resultados são apresentados no quarto capítulo e discutidos no quinto capítulo, à luz da literatura existente e objetivos formulados. Finaliza-se com a conclusão, que compreende o sexto e último capítulo.

# I – Enquadramento Teórico

## 1. As Birras

As birras são manifestações frequentes no início da infância (Belden, Thomsom, & Luby, 2008), principalmente entre o primeiro e o quarto ano de idade (Leung & Fagan, 1991). Os comportamentos exibidos variam desde o choro, mais frequente, gritos e deixar-se cair no chão, até episódios menos frequentes de chamada de atenção, como suster a respiração e bater com a cabeça (Potegal & Davidson, 2003). As birras surgem igualmente em ambos os géneros, com maior ou menor intensidade (Gouveia, 2009). Apesar do seu caráter normativo, caraterizando um desenvolvimento psico-afectivo normal (Queirós, Goldschimidt, Almeida, & Gonçalves, 2003), apresentam-se muitas vezes como um problema de difícil gestão para os pais (Green et al., 2011). Em casos extremos, quando as birras são constantes, prolongadas, envolvem destruição de objetos ou agressão mais grave, os pais permanecem frustrados e desesperados face ao comportamento dos seus filhos (Potegal & Davidson, 2003; Potegal, Kosorok, & Davidson, 2003).

As birras podem ser definidas como episódios extremos de angústia e/ou raiva (Daniels, Mandleco, & Luthy, 2011); ou como episódios emocionais breves mas intensos, caraterizados pela sua explosividade, impulsividade e demonstrações de emoções descontroladas (Potegal & Davidson, 2003). As birras são reações desproporcionais às situações (Solter, 1992), e representam uma crise emocional temporária nas crianças pequenas (Mireault & Trahan, 2007).

## 2. Prevalência, frequência, duração e manifestações

O primeiro estudo realizado acerca desta temática, remonta há mais de 80 anos atrás, e foi conduzido por Goodenough (1931), citada por Broder (2013). A autora utilizou uma amostra de 45 indivíduos, com idades compreendidas entre os 7 meses e os 7 anos e 10 meses, e recorreu a relatos dos pais. As suas observações indicaram uma maior incidência de birras durante o segundo ano de vida no género masculino e feminino (sem diferenças significativas entre género). Contudo, depois dos dois anos, a

frequência das birras tendia a ser superior no género masculino, mesmo assistindo-se a um declínio rápido após essa idade em ambos os géneros. A duração de 50% das birras da amostra variou entre um e quatro minutos; não foram encontradas diferenças consideráveis na sua duração nos 7 níveis etários da amostra. As conclusões de Goodenough constituíram as primeiras análises das birras e mostraram-se consistentes com muitos dos estudos realizados posteriormente (Broder, 2013).

Jenkins, Bax, Owen e Hart (1984) citados por Einon e Potegal (1994), conduziram um estudo longitudinal no Reino Unido durante cinco anos onde acederam a dados de uma amostra de 278 crianças em sete momentos: às 6 semanas, aos 6 meses, 1 ano, 18 meses, 2, 3 e 4 1/2 anos. De acordo com os autores, 50% das crianças com 2 anos apresentavam birras; e 19% das crianças com 2 anos, 18% das crianças com três anos e 11% das crianças com 4 anos tinham birras pelo menos uma vez ao dia. Aos 4 1/2 anos, apenas 11% das crianças continuava a exibir birras, indicando que a maioria das crianças parou estes episódios nesta idade. As crianças que apresentaram maior frequência de birras foram aquelas em que este comportamento persistiu até mais tarde: cerca de um terço da amostra com uma frequência de birras de duas vezes ao dia continuava a apresenta-las aos 4 1/2 anos.

Um estudo levado a cabo na Índia por Bhatia e colaboradores (1990) com base em informações recolhidas junto dos pais de 800 crianças entre os 3 e os 12 anos a frequentar o departamento de pediatria de um hospital Nova Deli, concluiu que 182 (138 do género masculino; 44 do género feminino) das crianças (22.8%) tinham birras (média de idade de 4,7 anos). Estes episódios foram mais comuns (75.3 % das crianças) no intervalo etário entre os 3 e os 5 anos de idade. Os comportamentos observados durante as birras assim como a respetiva percentagem de frequência foram: deitar-se no chão (52.7%), pontapear (37.6%), gritar ou chorar (36.2%), bater os pés no chão (26.3%), bater com os punhos (23.1%), partir coisas (22.7%), insultar os pais/irmãos (19.2%), fugir de casa ou da escola (15.2%), ser excessivamente teimoso e argumentativo (13.6%), e agredir-se a si e/ou aos outros (12.9%) (Bhatia et al., 1990). A idade mínima contida na amostra foi de 3 anos, não contemplando a idade de maior prevalência das birras (segundo ano) descrita nos estudos anteriores; sendo o intervalo etário dos 3 aos 5 anos o inferior, e

que mais se aproxima dos 2 anos, os resultados alcançados relativamente à prevalência, estão em linha com os resultados de outros autores.

Einon e Potegal (1994) recolheram informações acerca das birras dos filhos (0 a 5 anos) de mais de mil pais no Reino Unido, através do preenchimento de um questionário acerca da duração, frequência e severidade das birras e atitudes dos pais face às mesmas. Os resultados, similares aos de Goodenough (1931), demonstraram que a maioria das birras apresentou uma duração entre 1 e 4 minutos, em todas as idades. Uma percentagem de 62% das birras tiveram início entre o primeiro e o segundo ano de vida, e dessas, 53% persistiu até aos 4 anos de idade. Os comportamentos mais frequentemente manifestados nestes episódios foram: chorar e berrar (normalmente não envolve palavras), ambos em 61% das birras; gritar (normalmente envolve palavras), em 47% das birras; e deixar-se cair no chão, em 40% das birras. Outros comportamentos como adotar uma postura rígida e manter as pernas imóveis, foram relatados em 27% e 21% das birras, respetivamente. Os autores constataram também que quanto mais cedo os comportamentos de birra se iniciassem, maior a taxa global de birras.

Potegal e Davidson (2003) desenvolveram uma investigação nos Estados Unidos, em que entrevistaram telefonicamente os pais, e analisaram posteriormente os seus relatos escritos dos comportamentos manifestados no decurso de birras de 335 crianças (178 rapazes e 157 raparigas) entre os 18 e os 60 meses idade. Segundo os autores, as birras ocorrem em média uma vez ao dia (idades 18 a 60 meses), constatando-se uma diminuição da frequência no terceiro ano de vida (pico aos 24 meses). As frequências relatadas para cada idade foram: 8 vezes/semana ao 1 ano; 9 vezes/semana aos 2 anos; 6 vezes/semana aos 3 anos; e 5 vezes/semana aos 4 anos (autores não apresentam uma frequência específica relativa aos 5 anos). A duração média das birras foi de 3 minutos, sendo que uma percentagem de 75% duraram entre 1.5 a 5 minutos. Os resultados demonstraram que as birras prolongam a sua duração à medida que a criança cresce (18 meses, cerca de 2 minutos; aos 60 meses cerca de 5 minutos). Os autores concluíram que 70% das crianças entre os 18 os 24 meses têm birras; e que a sua prevalência aumenta para 87%, aos 18 a 24 meses, para 91%, aos 30 a 36 meses; e decresce para 59%, aos 42 a 48 meses. Não se observaram diferenças significativas entre

géneros. Os comportamentos mais frequentemente manifestados durante as birras e a respetiva prevalência foram: chorar (86%), berrar (47%), gritar (39%), deixar-se cair no chão (37%), à semelhança do que foi apresentado por Einon e Potegal (1994), seguindo-se os comportamentos como dar pontapés (27%), bater (26%), atirar/empurrar (23%) e fugir (23%). Chorar esteve presente em praticamente todas as birras superiores a 3 minutos (90%), e em mais de metade (60%) das birras mais curtas (inferiores a 3 minutos). Os autores identificaram um padrão em que as manifestações de raiva, como gritar, bater ou pontapear, atingem um pico no início das birras, sendo depois seguidas de comportamentos de angústia, como chorar e procurar atenção (Potegal, Kosorok, & Davidson, 2003).

As autoras Mireault e Trahan (2007) conduziram um estudo nos Estados Unidos, em que analisando os questionários dos pais de 33 crianças (15 do género masculino; 18 do género feminino) entre os 3 e os 5 anos de idade, descreveram a frequência, intensidade e duração das birras, assim como os seus precipitantes e respostas parentais. A maioria dos pais (79%, *n*=26) reportou a frequência das birras como ocorrendo frequentemente, sendo que cerca de metade referiram birras diárias, e a outra metade birras semanais; apenas uma minoria dos pais (*n*=7) referiram birras pouco frequentes (mensalmente – menos que mensalmente). Metade dos pais classificou a intensidade as birras dos seus filhos como *percetível ou distrativa* (*n*=16), cerca de um terço dos pais classificou-a como *stressante* (*n*=10), e os restantes pais classificaram-na como *um pouco percetível* (*n*=7). A duração média destes episódios foi de 16 minutos (desde 2 a 75 minutos), consideravelmente superior à duração relatada em estudos anteriores (Goodenough, 1931; Einon & Potegal, 1994; Potegal & Davidson, 2003).

Um outro estudo realizado nos Estados Unidos teve como objetivo verificar se existiam diferenças entre os comportamentos de birras de crianças do pré-escolar *saudáveis* (sem qualquer problemática identificada) e crianças com transtorno depressivo e com transtorno disruptivo (Belden, et al.,, 2008). Os pais de 279 crianças (3 a 6 anos) responderam ao *Preschool-Age Psychiatric Assessment (*Egger, Ascher, & Angold, 1999, citados por Belden et al., 2008), o qual continha uma secção específica sobre birras. A amostra relativa às crianças *saudáveis* (*n*=159) continha 71 rapazes (47%) e 79 raparigas (43%); 45 crianças tinham 3 anos (30%), 71 crianças tinham 4

anos (47%), e 34 crianças tinham 5 anos (23%). A maioria das birras deste grupo ocorreu em casa, apresentando uma duração média de 12 minutos (duração que se aproxima da referida pelas autoras Mireault e Trahan, 2007).

Os autores Österman e Björkqvist (2010) investigaram as birras (idade de início/fim, frequência e duração) de 132 crianças (45.5% do género feminino, e 52.3% do género masculino) residentes na Finlândia, através de um questionário respondido pelos pais. A idade média das crianças no momento do estudo era de 5,9 anos, mas os relatos dos pais reportaram a um espectro amplo de idades, desde 1 ano a 13 anos. Os episódios de birra foram referidos em 87% dos casos. Apenas 9,6% das crianças começaram a ter birras entre os 12 e 24 meses; a maioria (39%) iniciou este comportamento entre os 24 e 36 meses; uma outra parte iniciou entre os 36 e 48 meses (25,7%); e apenas uma minoria iniciou entre os 48 e 60 meses (11%). Em 57% dos casos estes episódios cessaram antes dos 5 anos de idade, uma outra percentagem substancial das crianças cessou este comportamento entre os 36 e 48 meses (32,5%); entre os 48 e 60 meses, e os 60 e 72 meses, terminaram 16.9% e 20,8% das crianças, respetivamente. À semelhança das pesquisas anteriores, as birras atingiram o pico no segundo ano de vida. A frequência das birras foi de uma vez ao dia em 21.3% dos casos, uma vez por semana em 37,3% dos casos, uma vez por mês em 30,7% dos casos, e uma vez por ano em 10,7% dos casos; verificando-se uma menor frequência relativamente a outros estudos (ex:. Potegal & Davidson, 2003). Os autores concluíram que as crianças com maior frequência de birras tendiam a manifestá-las até mais tarde. A maioria dos episódios tiveram uma duração entre 5 e 10 minutos (46,5%); a duração inferior a 5 minutos, e superior a 30 minutos, foi reportada em 8% e 6% dos casos, respetivamente. A duração relatada na grande maioria dos casos foi superior à apresentada noutros estudos (Goodenough, 1931; Einon & Potegal, 1994; Potegal & Davidson, 2003), podendo dever-se ao alargado intervalo de idades abrangido pelas descrições dos pais, e à tendência de aumento da duração da birra à medida que a criança cresce (Potegal & Davidson, 2003).

Wakschlag e colaboradores (2012) analisaram a *perda de controlo* (*temper loss*) - definida como o padrão e modulação de expressões de raiva ostensiva, incluindo birras e irritabilidade - em 1490 crianças (51% rapazes e 49% raparigas) entre os 3 e 5 anos (35% com 3 anos, 36% com 4 anos e 29%

com 5 anos), residentes em Chicago, Estados Unidos. A análise teve como base o preenchimento de um questionário - *Multidimensional Assessment of Preschool Disruptive Behavior* – pelos pais das crianças. Os resultados demonstraram que comportamentos de desregulação normativos (como as birras) tinham sido exibidos pela maioria das crianças, pelo menos uma vez no mês passado. Com base nos seus resultados, e contrastando com outros autores como Potegal e Davidson (2003) e Mireault e Trahan (2007), os autores concluíram que menos de 10% das crianças manifestavam qualquer dos comportamentos (típicos de birras) na maioria dos dias da semana; durante o último mês haviam sido exibidas birras em 83.7% dos casos, sendo que diariamente, as birras de qualquer tipo não eram normativas, sendo exibidas apenas em 8,6% dos casos.

Broder (2013) desenvolveu um estudo longitudinal nos Estados Unidos, com o objetivo de analisar as diferenças individuais em birras de crianças pequenas e os seus preditores, com base em questionários respondidos pelos pais em dois momentos – quando as crianças tinham entre 24 e 27 meses (*n*=100; 51 do género masculino, 49 do género feminino), e três meses depois, quando tinham entre 27 e 30 meses (*n*=55; 28 do género masculino; 27 do género feminino). A duração média destes episódios, em ambos os momentos, foi de cerca de 4 minutos, consistente com o relatado por outros autores (Goodenough, 1931; Einon & Potegal, 1994; Potegal & Davidson, 2003); assim como a frequência das birras, atingindo o pico no segundo ano e diminuindo depois (Goodenough, 1931; Einon & Potegal, 1994; Österman & Björkqvist, 2010; Potegal & Davidson, 2003). No primeiro momento, as birras ocorriam cerca de 21 vezes por mês (cerca de 5 vezes por semana); já no segundo momento, as birras ocorriam cerca de 15 vezes por mês (3 a 4 vezes semana), assistindo-se a uma ligeira diminuição à medida que as idades se afastam dos 24 meses. A autora não encontrou diferenças significativas na duração e frequência das birras entre rapazes e raparigas. Os comportamentos manifestados mais frequentemente nos dois momentos foram: chorar, gritar e berrar (concordantemente com Einon & Potegal, 1994; Potegal & Davidson, 2003) e atirar objetos.

A abrangência de idades incluída nas amostras dos estudos é variável, mas no geral, demonstram que o pico de manifestações de

episódios de birra ocorre durante o segundo ano de vida das crianças. Como se verificou anteriormente, apesar da maioria dos autores indicar uma diminuição da frequência das birras após este momento, a idade específica até que estas manifestações se estendem não é clara (de um modo global, podem ser esperadas até aos 4 e 5 anos): Jenkins, Bax, Owen e Hart (1984), citados por Einon e Potegal (1994), concluíram que a maioria das crianças cessou estes episódios aos 4 anos; Einon e Potegal (1994) referem que 53% das crianças que começaram as birras entre 1 e 2 anos de idade persistiram até aos 4 anos; na investigação de Potegal e Davidson (2003), 59% das birras ainda se mantinham no intervalo de 42 a 48 meses; segundo Mireault e Trahan (2007), as crianças com idades entre 3 e os 5 anos apresentaram, em 79% dos casos, estes episódios frequentemente; já Wakschlag e colaboradores (2012), para o mesmo intervalo etário, indicaram uma percentagem de 83,7% de birras (a ocorrerem no mês anterior à recolha dos dados); mais recentemente, Österman e Björkqvist (2010) concluíram que cerca de 57% das birras terminaram antes dos 5 anos.

Relativamente à duração, os dados referidos por alguns autores (apesar da variabilidade das amostras) remetem para durações entre 1 a 4 minutos (Goodenough, 1931, e Einon & Potegal, 1994, respetivamente), e durações médias de 3 e 4 minutos (Potegal & Davidson, 2003, e Broder, 2013, respetivamente); já outros autores apresentaram durações médias consideravelmente superiores: de 5-10 minutos (Österman, & Björkqvist, 2010), 12 minutos (Belde et al., 2008) e 16 minutos (Mireault & Trahan, 2007), assistindo-se a alguma discrepância entre estudos. Apenas Potegal e Davidson (2003) apresentaram os dados relativos á duração das birras em função da idade ao longo dos 18-48 meses.

Em relação aos comportamentos mais comummente manifestados aquando destes episódios, chorar, gritar e berrar aparecem como os mais referidos (Broder, 2013; Einon & Potegal, 1994; Potegal & Davidson, 2003); já Bhatia e colaboradores (1990) indicam deitar-se no chão (52.7%) e pontapear (37.6%), como exibidos com maior frequência do que gritar ou chorar (36.2%), o que pode ser devido a fatores culturais.

Grande parte dos estudos revistos não indicam as manifestações exibidas em função de idades específicas, exceto Broder (2013), que apresenta os comportamentos exibidos entre os 24 e 27 meses e 3 meses

depois; e Potegal e Davidson (2003), que referem apenas que a duração dos comportamentos associados ao nível mais elevado de raiva diminuiu com o aumento da idade, enquanto que a duração dos comportamentos associados ao nível mais baixo de raiva aumentou com a idade – conferir secção relativa ao *Modelo de raiva-angústia*).

## 3. O Modelo de *raiva-angústia* das Birras

Potegal e Davidson (2003) agruparam os vários processos emocionais e comportamentais integrantes das birras em dois componentes principais independentes, mas que se sobrepõem temporariamente: a raiva e angústia (Potegal et al., 2003). Os autores utilizaram as descrições dos pais para analisarem os comportamentos que ocorrem durante um episódio de birra.

A raiva é constituída por três componentes que refletem níveis de intensidade crescente (Potegal et al., 2003). No nível de intensidade mais baixo, situam-se comportamentos como o bater o pé e agitar as mãos; o nível intermédio inclui berrar, atirar objetos e empurrar; já o nível de intensidade mais elevada, compreende o gritar e pontapear, assim como bater e adotar uma postura rígida, sendo que os dois últimos se apresentam como elementos mais variáveis (Potegal et al., 2003; Potegal, Carlson, Margulies, Gutkovitch, & Wall, 2009). A duração do nível mais elevado de raiva diminuiu com o aumento da idade; já a duração do nível mais baixo de raiva aumenta com a idade (idades entre 18 e 60 meses). As manifestações físicas de raiva atingem o pico imediatamente após o início da birra, diminuindo a partir desse momento (Potegal et al., 2003).

A angústia engloba comportamentos como o choramingar e o chorar, a busca de conforto e o deixar-se cair sobre o chão, que tendencialmente aumentam ao longo do decorrer da birra (Potegal et al., 2003; Potegal et al., 2009). A maior duração de algumas birras pode dever-se ao prolongamento da angústia, o que se revela concordante com as descrições de pais de crianças em estudos anteriores (Camras, 1991; citado por Potegal et al., 2003), em que relataram que os episódios de tristeza (representativa da angústia neste contexto) se prolongam por mais tempo do que os episódios de raiva.

Através deste estudo, os autores providenciaram informação importante acerca da trajetória e organização das emoções nas crianças. Com a identificação de um padrão, em que a raiva rapidamente aumenta e atinge o seu pico perto do início da birra, sendo depois frequentemente sucedida por comportamentos de angústia, concluiu-se que as emoções estão associadas às cognições (Potegal et al., 2003). Por exemplo, as crianças experienciam inicialmente raiva quando percebem que os pais não irão satisfazer as suas vontades, contudo, permanece a esperança de conseguirem o que pretendem. A tristeza (angústia) surge quando é compreendida a ineficácia da raiva sentida, e a não satisfação seus desejos (Potegal et al., 2003).

O modelo de *raiva-angústia* das birras foi estendido a um grupo clínico de 46 crianças hospitalizadas (organizadas em grupos com base no diagnóstico do DSM-IV: *Défice de Atenção e Hiperatividade; Transtorno de Humor; Transtorno Desafiante de Oposição/Transtorno da Conduta; Perturbação Pervasiva do Desenvolvimento; Transtorno de Ansiedade; Transtorno Bipolar, Psicose e Ansiedade*) entre os 4 e os 12 anos de idade, para avaliar os "episódios de raiva" (i.e.: *rages*, que se refere a episódio de raiva indiferenciado, prolongado e intenso), também descritos como birras exacerbadas (Potegal et al., 2009). As correlações moderadas entre os três níveis de raiva e a sua independência face à angústia corroboraram o modelo proposto. A diferença entre a raiva e a angústia foi suportada pela análise fatorial dos comportamentos e por uma análise de *clusters* que mostrou que a duração estava mais relacionada com a angústia do que com a raiva. O baixo nível de raiva envolveu bater os pés; o nível intermédio envolveu atirar coisas; o nível mais elevado envolveu gritar, bater, pontapear; e a angústia envolveu choramingar e chorar (com lágrimas) (Potegal et al., 2003; Potegal et al., 2009).

Os autores Giesbrecht, Miller e Müller (2010) também confirmaram a validade estrutural do modelo de *raiva-angústia*, num estudo em que pretendiam determinar as associações entre o mesmo e a reatividade e competência emocional em 125 crianças dos Estados Unidos, entre os 3 e 5 anos.

Recentemente, os autores Eisbach e colaboradores (2014) realizaram um estudo em que observaram crianças em idade pré-escolar (2 a 5,5 anos; 19 do género masculino e 5 do género feminino) diagnosticadas com

problemas de comportamento severos (a maioria cumprindo critérios do DSM-IV para mais do que um diagnóstico), e as suas mães (24 díades criança-mãe). Os autores relataram a consistência da progressão das birras (através da observação das mães e crianças) com a descrição fornecida pelo modelo.

## 4. As causas de ocorrência de birras

As birras têm muitos motivos, e um episódio pode ter mais do que uma explicação, mas a causa direta resulta geralmente de emoções como a frustração, angústia e raiva (Potegal & Davidson, 1997; Potegal, & Davidson, 2003), geradas pela incapacidade da criança exercer a independência ou pela obrigação em executar algo contra a sua vontade (Leung & Faung, 1991; Einon & Potegal, 1994). As birras também ocorrem em resposta a necessidades ou desejos não atendidos, assim como a incapacidade de controlar emoções decorrentes de frustração ou a dificuldade em expressar determinada necessidade ou desejo (Zifan & Gharibzadeh, 2006). A raiva é uma reação normal à frustração, medo ou *stress* (Zifan & Gharibzadeh, 2006). McCurdy, Kunz, e Sheridan (2006), citados por Daniels, Mandleco e Luthy (2011), também indicam como causadores de birras o evitamento da realização de algo que não desejam, referindo ainda a procura de atenção parental.

### 4.1. O desenvolvimento infantil como determinante das birras

As crianças pequenas experienciam um crescimento rápido ao nível da mobilidade e interesses, assim como uma forte necessidade de autonomia e independência (Leung & Fang, 1991). A par destas mudanças, existem limitações significativas: ao nível do processamento de informação e capacidade de resolução de problemas (Leung & Fang, 1991), pois a imaturidade das crianças mais pequenas dificulta o acesso aos processos cognitivos e capacidades de *coping* para lidar adequadamente com as suas preocupações (Mireault, Rooney, Kouwenhoven, & Hannan, 2008); ao nível das competências linguísticas (Österman, & Björkqvist, 2010); ao nível da experiência de vida (Leung & Fang, 1991); assim como ao nível da regulação dos impulsos emocionais (Bath, 1994).

Segundo Einon e Potegal (1994), as crianças de 2 anos experienciam situações que aumentam o risco de birras. Nesta idade, a criança move-se sozinha, vocaliza e é muito curiosa, as oportunidades de conflito aumentam quando começa também a perceber que as birras podem ser um meio eficaz para obter o que deseja. Principalmente a partir dos 3 anos de idade, quando a criança já possui um domínio superior da linguagem, a birra pode ser utilizada como forma de obter o que quer, manipulando o adulto (Harrington, 2004).

Mireault et al., (2008) referem que é no segundo ano de vida, que as crianças começam a apreender a individualidade do *self*, o que se reflete na sua desobediência face aos adultos, comportamento comum nesta fase de desenvolvimento apelidada de "os terríveis dois anos". É neste âmbito que se enquadram os comportamentos de oposição, como a recusa a responder aos pedidos dos adultos, naturais em determinadas alturas da infância (os autores utilizam o termo *comportamento de oposição* para se referirem amplamente a comportamentos de desobediência, de incumprimento, de desafio, ou comportamento geralmente negativo). As birras podem então ser consideradas comportamentos de oposição, e desempenham um papel fundamental na distinção e afirmação do *eu*, conferindo oportunidade às crianças de desenvolverem as capacidades necessárias à expressão da sua autonomia de uma forma socialmente aceitável.

Os autores Giesbrecht, Miller e Müller (2010) concluíram que os comportamentos de birra estão associados à reatividade emocional e à competência emocional das crianças. Por reatividade emocional, compreende-se o nível de ativação (*arousal*) da criança, face a um acontecimento emocionalmente significativo (Zentner & Bates, 2008); o qual auxilia os humanos a alcançar os seus objetivos e a adaptar-se ao ambiente envolvente (Campos, Frankel, & Camras, 2004). A competência emocional promove o equilíbro face a essa reatividade e é imprescindível para o comportamento adaptativo; sendo também responsável pela interação e integração das habilidades necessárias à modulação da reatividade emocional (Trentacosta & Izard, 2007). São três as habilidades elementares da competência emocional: o conhecimento ou compreensão das emoções; a utilização funcional ou comunicativa da emoção; e a regulação da emoção (Denham, 1998, citado por Giesbrecht et al., 2010) - aptidões que se

encontram em desenvolvimento nas crianças pequenas. As correlações encontradas pelos autores entre os comportamentos de birra e a reatividade emocional revelaram esta não estava especificamente associada à emoção de raiva ou angústia, mas a ambas, sugerindo que as birras podem estar associadas a níveis gerais de ativação (mais do que a ativação relacionada com raiva ou a ativação relacionada com angústia).

A competência emocional mostrou desempenhar uma importância significativa na relação entre reatividade emocional e as birras (Giesbrecht et al., 2010). Quando há uma fraca competência emocional, a influência que a reatividade emocional tem no comportamento é acentuada; já quando é adequada, atenua esta influência. Este nível de competência emocional irá então influenciar (interrompendo ou facilitando) a progressão desde a ativação emocional até uma birra. Estes resultados sugerem que as birras estão sistematicamente relacionadas com a organização geral da emoção e comportamento das crianças no período pré-escolar (Giesbrecht et al., 2010). Os autores sugerem que as crianças emocionalmente reativas falham no desenvolvimento de competências emocionais robustas devido a dois motivos: as crianças têm dificuldades em aprender através das suas experiências quando estão sufocadas em emoções; e, como frequentemente se irritam e enfurecem, evocam nos adultos respostas excessivamente controladoras, que assumem a criança como incapaz de assumir as responsabilidades das suas ações (Giesbrecht et al., 2010).

Os autores Greenberg e Snell (1997) referem também a regulação emocional como implicada nos comportamentos de birras, que se vai desenvolvendo com a maturação cerebral e com oportunidades de observação e prática de estratégias de *coping.* O conhecimento infantil do mundo físico e social aumenta durante a primeira infância, tornando o mundo mais previsível e menos confuso, o que, em adição à maturação social, emocional e linguística, diminuirá a propensão a birras (Solter, 1992).

A habilidade de regular o nosso próprio comportamento - a autorregulação - desenvolve-se gradualmente na infância, e o segundo ano é especialmente importante (Broder, 2013). Broder (2013) concluiu que as capacidades de autorregulação são preditivas das características de birras nas crianças, sendo que o controlo inibitório (definido por Rothbart e Posner (1985) como a habilidade de inibir ou suprimir processos mentais ou ações

que não são relevantes para o objetivo ou tarefa em curso) foi uma das capacidades em desenvolvimento a apresentar um aumento significativo ao longo do tempo. O controlo inibitório mostrou-se negativamente relacionado com a frequência destes episódios. A autora concluiu também que a propensão das crianças à frustração mostrou ser o principal preditor de birras, apresentando-se positivamente correlacionada com a frequência de birras. Também no estudo de Wakschlag e colaboradores (2012), mais de metade das crianças (60.8%) tiveram uma birra quando frustradas, aborrecidas ou preocupados.

### 4.2. Desencadeantes das birras

Alguns autores identificaram e analisaram as principais causas e situações específicas responsáveis pelo desencadeamento de birras. No estudo de Bhatia e colaboradores (1990), os principais fatores precipitantes de birras relatados pelos pais foram: a não correspondência do cuidador ao pedido da criança (78.2%), interrupção de uma brincadeira (48.6%), ameaças de abandono (36.4%), hora de ir para a escola (26.2%), sugestão de ida à casa de banho (22.2%), contacto com um estranho ou médico (21.9%), críticas à criança (18.6%), e a imitação de uma birra pelos pais ou irmão (8.2%).

Os dados de Einon e Potegal (1994) sugerem que a maioria das birras ocorrem quando a criança deseja algo e os pais pretendem o contrário. Cerca de metade das birras (45%) ocorreram quando os pais recusaram o pedido/desejo dos filhos. Nas crianças com idade superior a um ano, as situações que mais vezes foram apontadas como causas imediatas de birras foram o momento de comer, a colocação da criança numa cadeira ou carrinho de compras (confinamento) e vestir (Einon & Potegal, 1994). A fadiga também foi relatada como um desencadeante destes comportamentos, sendo que mais de um terço das birras ocorreram uma hora antes da criança ir para cama. No seu estudo, Goodenough (1931) havia apontado a existência de um ritmo diário de birras, com picos no final da manhã (antes do almoço, quando têm fome) e ao início da noite (fadiga).

Os pais envolvidos no estudo de Mireault e Trahan (2007) relataram os precipitantes mais comuns das birras dos filhos. A negação de um pedido

e não levar a sua vontade avante (imposição do adulto) constituíram as principais causas (66% casos); seguindo-se o excesso de cansaço/fadiga (62% dos casos) e os conflitos com outros (ex:. com um irmão; 42% dos casos). O medo, a preocupação ou nervosismo foram relatados em apenas 1% dos casos.

No estudo de Broder (2013), as explicações para as birras mais comummente selecionadas pelos pais em ambos os momentos (quando as crianças tinham entre 24 e 27 meses, e quando tinham entre 27 e 30 meses) foram: quando um pedido da criança foi negado (97%; 96.4%), quando a criança estava cansada/com fome (96%; 94.5%), quando estava envolvida numa atividade e não queria começar/parar/mudar (92%; 89.1%). As situações específicas em que as birras ocorreram foram: quando se vestiam (81%; 81.8%), nas refeições (80%; 77.8%), na hora de ir dormir (74%; 87.3%), e quando as rotinas mudaram (77%; 70.9%). O local mais comum de ocorrência das birras selecionado pelos pais foi em casa, em 100% dos casos.

Em suma, pode concluir-se que os principais desencadeantes de birras são as situações de demanda/imposição por parte do adulto, a não satisfação de um pedido da criança, as sensações de cansaço/fadiga/fome (podendo estes últimos atuarem também como fatores agravantes dos anteriores) e as mudanças de rotina. Os contextos e situações específicas mais referidos pelos autores foram a hora de refeição, as situações de confinamento (ex:. cadeirinha do carro), os momentos de ir à casa de banho/tomar banho/ vestir, a hora de dormir e a mudança/interrupção de uma atividade. Estes são, na sua maioria, momentos em que o adulto impõe uma atividade em oposição aos desejos da criança, não tendo esta oportunidade de levar a cabo a sua vontade. Estas demandas podem ainda causar maior coação em alturas em que a criança se encontra com fome ou fatigada, e, em consequência com dificuldade em exercer autocontrolo e propiciando a exibição de birras.

## 5. Relações entre as Birras e as Respostas Parentais

Os pais têm uma marcada influência em todo o processo desenvolvimental da criança, visto serem os responsáveis por transmitir as

primeiras informações e interpretações sobre o mundo (Salvador & Weber, 2005). A crescente descoberta da autonomia por parte da criança, induz, na maioria dos pais, a necessidade de aprenderem a lidar com as birras dos seus filhos (Mireault & Trahan, 2007). É importante que os pais estabeleçam uma forma consistente de lidar com as birras, pois ao fazê-lo, estão a mostrar aos seus filhos a importância de uma comunicação clara e do controlo emocional (Goode, 2007).

Vários autores (ex.: Bhatia et al., 1990; Broder, 2013; Mireault & Trahan, 2007; Potegal & Davidson, 2003) analisaram caraterísticas das intervenções parentais e estratégias implementadas aquando das birras. Os autores Bhatia e colaboradores (1990) referiram como estratégias mais frequentemente adotadas pelos pais para controlarem as birras dos seus filhos, o cumprimento dos pedidos da criança (74.6%), criticar a criança (53.6%), a sua contenção física (48.2%), o seu isolamento temporário (32.1%), conversar com a criança (explicação) (26.8%), e bater à criança (20.4%). Os autores notaram que a proteção excessiva e a discordância parental, mostraram-se fatores significativamente *stressantes* para os rapazes da amostra; e que para as raparigas, o negligenciar (ignorar) a birra apresentou-se como um fator *stressante*.

Potegal e Davidson (2003) constataram um aumento da probabilidade de intervenção parental consoante a intensidade das birras dos filhos, sendo de 69% nas birras de intensidade inferior à média, de 77% nas birras de intensidade normal e de 89% nas mais intensas. As exibições de raiva de baixa, média e elevada intensidade, apresentaram um número crescente de correlações significativas com o comportamento parental. Os autores não encontraram efeitos significativos da idade e género da criança na probabilidade da intervenção parental.

No estudo de Potegal e colaboradores (2003), 80% dos pais reportaram intervenções nas manifestações de birra. Tal como no estudo anterior, a probabilidade de intervenção aumentou com a duração e intensidade das birras. Os autores referiram o comportamento de enrijecer os membros, como aumentando em função da intervenção parental, pois apresenta-se normalmente como resposta a ser agarrado, restringido ou carregado/levado. Os comportamentos de deitar-se/deixar-se cair no chão e

bater com os pés no chão ocorridos nos primeiros 30 segundos das birras, estavam associados a durações mais curtas e a uma intervenção parental reduzida. Os autores referem também que assim que uma birra começava, muitos pais agiam como uma resposta à mesma, em vez de tentarem a sua modelação. Os autores notaram que as emoções, especialmente a tristeza, prolongam-se por mais tempo na presença de familiares significativos, o que pode significar que a presença dos pais tem influência na duração das birras, contribuindo para a sua maior duração (Potegal et al., 2003).

No estudo conduzido por Mireault e Trahan (2007), as respostas dos pais acerca das estratégias aplicadas face à exibição de birras, dividiram-se maioritariamente em três opções: em primeiro lugar, tentar acalmar a criança (59%); em segundo, a utilização do *time-out* (37%); e, em terceiro, tentar dar instruções à criança para que se acalme (31%). Uma percentagem de 66% dos pais avaliarem a *utilização de disciplina física*, como a última resposta que utilizariam face a uma birra.

Analisando os questionários respondidos pelos pais envolvidos no estudo de Einon e Potegal (1994), os autores chegaram a várias conclusões em relação às ações e sentimentos dos pais face às birras. O ato de abraçar/aconchegar estava relacionado com a sua duração e frequência (sendo que as crianças abraçadas/aconchegadas no final de uma birra apresentavam episódios mais curtos e menos frequentes), não implicando, no entanto, causalidade, pois poderá ser que as crianças com manifestações menos intensas de birra, tenham pais que as aconcheguem mais vezes. Os pais que atuavam deste modo tinham também maior probabilidade de conversarem com a criança acerca do seu comportamento, compreender as causas da birra, e demonstrar perdão. Por outro lado, quando os pais cediam aos pedidos das crianças, as birras tinham uma maior duração e frequência, assim como quando as mães se sentiam zangadas e perturbadas com este comportamento. O estado de humor ou a reação interna à birra por parte dos pais poderá influenciar a estratégia que utilizam, que por sua vez poderá influenciar os comportamentos de birra (Broder, 2013; Einon & Potegal, 1994); e a falta de atenção parental poderá influenciar estes episódios, pois as crianças com maior frequência de manifestações (5 ou mais ao dia) apresentaram menor probabilidade de serem cuidadas aquando da exibição das birras, e as suas mães sentiram-se mais incomodadas, perturbadas e

atuaram com mais fúria (mais de o dobro das mães, comparativamente com o resto da amostra). A duração superior a 20 minutos destes episódios aumentou também a percentagem de mães a sentirem-se/atuarem dessa forma.

Na investigação de Broder (2013) as estratégias mais comummente implementadas pelos pais face às birras foram, em ambos os intervalos etários das crianças (24 a 27 meses; 27 a 30 meses): tentar distrair a criança, falar calmamente, pegar-lhe ao colo, ajudar a criança a falar sobre as causas da sua raiva, e ignorar o seu comportamento. A duração e a frequência das birras foram preditas por diferentes estratégias. No primeiro momento de avaliação (24 a 27 meses de idade), os atos de pegar a criança ao colo (contrariamente ao encontrado por Einon e Potegal, 1994) e virar as costas/ir embora (similarmente ao encontrado por Einon e Potegal (1994) relativamente à falta de atenção parental), previram uma duração mais longa dos episódios; e no segundo momento (27 a 30 meses), apenas virar as costas/ir embora foram preditores da duração (mais longa). Em relação à frequência, no primeiro momento, foi negativamente predita por falar calmamente, e positivamente predita por oferecer uma recompensa; e no segundo momento, positivamente predita por ordenar que a criança parasse e negativamente predita por bater. A autora sugere que a falta de atenção parental durante as birras pode funcionar como uma fonte acrescida de frustração quando a criança não está suficientemente desenvolvida ao nível da regulação emocional; podendo numa fase em que já dispõe de melhores capacidades regulatórias, perceber esta estratégia de outra forma e modular o seu comportamento. Apesar de ter sido claro que os pais podem ter influência em determinados comportamentos de birra (Broder, 2013), no geral não foram encontradas estratégias parentais consistentes que fossem efetivas na redução das birras.

No recente estudo de Eisbach e colaboradores (2014), também as intervenções maternas nas birras dos seus filhos (diagnosticados com problemas comportamentais severos) foram analisadas. As expressões maternas de frustração e raiva (como gritos) aumentaram com os comportamentos de birras dos seus filhos. Adicionalmente, sempre que uma mãe gritou com o seu filho, a criança respondeu aumentando os comportamentos agressivos (batendo, pontapeando, gritando).

Os pais que apresentem vulnerabilidade emocional, demonstrando raiva ou medo face a uma birra dos seus filhos, acabam por reforçar a exibição destes comportamentos. Tendo em conta que as crianças também aprendem pela imitação dos comportamentos dos adultos, ao testemunharem a perda de controlo dos pais, podem acabar por reproduzir esse tipo de conduta (Leung & Fagan, 1991). São esperadas associações bidirecionais entre os comportamentos externalizantes das crianças e as dimensões parentais coercivas, assim como a falta de estrutura, o controlo psicológico e a punição física (Verhoeven et al., 2010). O controlo psicológico foi definido por Barber (1996) como um tipo de controlo insidioso característico dos pais que utilizam táticas de pressão como a indução de sentimentos de culpa e de ansiedade, e a cessação do afeto; sendo a aceitação e demonstração de amor parental contingente ao comportamento da criança (Morris, Steinberg, Sessa, Avenevoli, Silk, & Essex, 2002).

De acordo com Hoffman (1975, 1994), as estratégias disciplinares utilizadas pelos pais podem dividir-se em duas categorias: as estratégias indutivas e as estratégias de força coercitiva. Nas estratégias indutivas, as consequências do comportamento para si própria e para os outros são apresentadas à criança, incitando-a à reflexão. Esta prática proporciona à criança uma certa autonomia e responsabiliza-a pelas consequências dos seus atos, assim como favorece a internalização de padrões morais. As estratégias coercivas fazem com que a criança controle os seus comportamentos em função de punições, podendo criar na criança emoções intensas como medo e raiva, dificultando a compreensão da situação e o porquê da necessidade da mudança. A perda de controlo dos pais face a uma birra, em que se assiste a gritos e utilização de força física, gera um ciclo coercivo cada vez mais difícil de controlar. Contudo, as crianças que demonstram comportamentos agressivos são difíceis de lidar e auxiliar, dificultando a utilização de estratégias de disciplina indutivas (Fite, Colder, Lochman, & Wells, 2006). As estratégias educativas indutivas são mais utilizadas em crianças sem problemas de comportamento, enquanto as estratégias educativas coercivas mostraram-se mais prevalentes em crianças com problemas de comportamento. (Alvarenga & Piccinini, 2001).

## 6. Outros estudos sobre práticas educativas

### 6.1. Práticas disciplinares e idades

Regalado e colaboradores (2004) conduziram um estudo com o objetivo de examinarem a utilização e preditores de diferentes práticas disciplinares de pais de crianças pequenas, utilizando como base os dados da *National Survey of Early Childhood Health* (Estados Unidos, 2000) obtidos através de inquéritos telefónicos a 2068 pais de crianças com idades inferiores aos 3 anos de idade (4 a 35 meses). Os pais foram interrogados acerca da frequência com que usam métodos aversivos (bater, gritar) e não aversivos (*time-out*, tirar um brinquedo, explicações). Para a análise de covariáveis, os pais responderam também ao questionário *The Parents' Evaluation of Developmental Status* (PEDS), que avaliou o risco de atraso de desenvolvimento dos seus filhos, e ao *The Mental Health Index-5* (MHI-5), que avaliou o bem-estar emocional dos pais. Os dados mostraram que os comportamentos de gritar e bater aumentam com a idade (aos 10 a 18 meses, 47% gritaram frequentemente com as crianças, e 29% já bateram; aos 19 a 35 meses, 67% gritaram frequentemente, e 64% já bateram). Os autores concluíram que os métodos de disciplina (coercivos e não coercivos) mais utilizados em crianças entre os 19 a 35 meses foram: a explicação (90%), seguindo-se o *time out* (70%), gritar (67%), retirar um brinquedo (65%) e a punição física (26%). A frustração dos pais, refletiu a propensão para a utilização de estratégias de disciplina mais severas como o bater e o gritar, sendo que quando frustrados, a possibilidade de recorrerem às mesmas era superior.

### 6.2. Comportamentos coercivos parentais e raiva

Os autores Snyder, Stoolmiller, Wilson e Yamamoto (2003) conduziram um estudo (amostra com 138 rapazes e 132 raparigas de 6 anos de idade e os seus pais) onde analisaram as exibições de raiva das crianças na interação familiar, através de gravações de vídeo. As respostas parentais negativas (como ameaças, obstrução e beligerância) estiveram fortemente relacionadas com uma latência reduzida à próxima exibição de raiva dos filhos. A frequência e variedade dos comportamentos coercivos e emoções negativas que os pais direcionam aos seus filhos aparentam ter efeitos nas taxas de raiva das crianças. Contudo, as respostas comportamentais e

emocionais dos explicam apenas uma pequena percentagem da variância no tempo de espera até à próxima exibição de raiva. O estado emocional da criança também é um contributo, pois os episódios mais longos estiveram associados a uma latência inferior até à próxima exibição.

### 6.3. Práticas educativas e comportamentos externalizantes

Verhoeven e colaboradores (2010) investigaram, num estudo longitudinal conduzido na Holanda, a relação bidirecional entre as práticas educativas parentais e o comportamento externalizante (como a agressão, hiperatividade, oposição e birras), de crianças pequenas do género masculino, quando tinham 17, 23, 29 e 35 meses. Os autores adaptaram escalas de avaliação já existentes (combinando itens de várias escalas) à população da sua amostra, através das quais avaliaram as práticas parentais, nomeadamente o suporte parental, a falta de estrutura, a disciplina positiva, o controlo psicológico, e a punição física; e utilizaram a *Child Behavior Checklist 1 ½–5* (Achenbach & Rescorla, 2000), para avaliar os comportamentos externalizantes das crianças. Os autores concluíram que as práticas parentais não eram preditivas da ocorrência de comportamentos externalizantes; contudo, o comportamento dos filhos mostrou ter influência sob o apoio parental, a falta de estrutura, o controlo psicológico e a utilização da punição física, quando os filhos tinham 23, 29 e 35 meses de idade. As crianças que apresentaram níveis mais elevados de comportamento externalizante eram alvo de práticas parentais menos estruturadas e que forneciam menos suporte, e eram sujeitas a níveis mais elevados de controlo psicológico e punição física. Os níveis elevados de comportamentos externalizantes (como as birras) apresentam-se como um desafio à paciência e capacidade de controlo dos pais. Ao lidarem com uma criança muito difícil, os pais podem perder o controlo e recorrer a estratégias disciplinares severas (como o controlo psicológico e a punição física) (Verhoeven et al., 2010).

Os resultados dos estudos apresentados (pontos 5 e 6) permitem concluir que as práticas parentais indutivas (positivas), como a conversação/explicação, a compreensão e o acolhimento (ex.: abraçar), estão geralmente associadas a birras mais curtas e menos frequentes, e menos

problemas de comportamento (Einon & Potegal, 1994; Alvarenga & Piccinni, 2001). Por outro lado, os sentimentos maternos de raiva, as práticas coercivas (negativas) como as atuações furiosas e os gritos, a falta de estrutura, o controlo psicológico e a utilização de punição, estiveram associadas a mais problemas de comportamento (ex.: agressividade), birras mais longas e mais frequentes e taxas de manifestações de raiva mais elevadas (Alvarenga & Piccinni, 2001; Einon & Potegal, 1994; Eisbach et al., 2014; Snider et al., 2003; Verhoeven et al., 2010).

## II- Objetivos e Hipóteses

O presente estudo tem os seguintes objetivos gerais: a) analisar as propriedades psicométricas do questionário que avalia várias dimensões das birras e as estratégias parentais aplicadas em relação às mesmas; b) caraterizar uma amostra de crianças portuguesas entre os dois e os cinco anos quanto à frequência, duração, motivos e manifestações das birras, assim como as estratégias parentais associadas; c) explorar as relações entre, por um lado, variáveis sociodemográficas das crianças e, por outro lado, as dimensões das birras e as estratégias parentais face às mesmas; e d) explorar a relação entre estratégias parentais e manifestações das birras das crianças.

Ao nível dos objetivos específicos são destacados:

1) A apresentação de uma análise descritiva dos dados relativos às birras registados pelos respondentes, ao nível da frequência, duração, manifestações, estratégias parentais face às birras, e os motivos subjacentes às birras;
2) O estudo da validade de constructo do questionário das birras, no que se refere a duas das partes que o constituem e que avaliam, respetivamente, as manifestações das birras e as estratégias parentais. Para o efeito, recorre-se à análise fatorial exploratória;
3) A análise da relação entre a frequência e duração das birras e a idade da criança;
4) A exploração de diferenças nas manifestações das birras e nas estratégias parentais face às mesmas, em função da idade e género da criança;

5) A análise da relação entre as manifestações das birras e as estratégias parentais.

De acordo com as finalidades desta investigação e a revisão da literatura acerca das birras infantis, estabelecem-se as seguintes hipóteses:

**Hipótese 1 (H1):** As birras são mais frequentes durante o segundo ano de idade, diminuindo com a idade a partir desse momento.

**Hipótese 2 (H2):** A duração das birras aumenta com a idade da criança.

**Hipótese 3 (H2):** As manifestações de raiva que ocorrem no decurso das birras são mais frequentes em crianças mais novas.

**Hipótese 4 (H4):** As manifestações de raiva são mais frequentes no género masculino.

**Hipótese 5 (H5):** As estratégias parentais relacionadas com a cedência são mais comuns nas crianças mais novas.

## III- Metodologia

### 1. Seleção da Amostra

A seleção da amostra deste estudo foi realizada respeitando o critério de inclusão de crianças com idades entre os dois e os cinco anos sem qualquer problemática identificada. Este intervalo etário foi estabelecido por incluir, como limiar inferior, os dois anos, ao longo dos quais se verifica o pico de incidência das birras (Potegal & Davidson, 2003), estendendo-se aos cinco anos, idade em que se prevê que estas manifestações comecem a cessar e/ou se tornem menos frequentes, segundo os estudos de vários autores (Einon & Potegal, 1994; Österman & Björkqvist, 2010; Potegal & Davidson, 2003).

O tipo de amostragem utilizado foi de conveniência (não probabilístico), pela razão da autora desta investigação dispor de maior facilidade em deslocar-se aos distritos de Lisboa, Leiria e Santarém. Assim, foram contactados, através de uma carta formal dirigida ao(à) coordenador(a)/ diretor(a) responsável, quatro jardins de infância, que mostraram disponibilidade em participar no presente estudo. Estas instituições incluem o Jardim de Infância Lar de Santa Maria, concelho de

Peniche, distrito de Leiria; o Jardim de Infância sediado na Escola Básica Boavida Canada, concelho de Azambuja, distrito de Lisboa; o Jardim de Infância Centro Paroquial da Ereira, concelho do Cartaxo, distrito de Santarém; e o Jardim de Infância do Cartaxo, distrito de Santarém. Com o intento de explicar o tema, objetivos do estudo e os procedimentos a realizar, estabeleceram-se depois contactos presenciais, quer com os(as) coordenadores(as)/diretores(as), quer com algumas das educadoras.

## 2. Caracterização da Amostra

Inicialmente, a amostra incluía 163 sujeitos, contudo, devido à posterior eliminação de dois casos ficou constituída por 161 sujeitos. Os casos 72 e 18 foram eliminados devido à elevada percentagem de omissos apresentada, correspondente a 50% e 70%, respetivamente. Segundo Roth (1994), o tratamento de questionários em que os omissos atingem percentagens correspondentes ou superiores a 30 a 40% é questionável.

Dos 161 sujeitos (*N* =161) que compõem a amostra, 77 (47,8%) são do género masculino, e 84 (52,2%) são do género feminino. As idades das crianças estão compreendidas entre os 2 e os 6 anos (foram devolvidos alguns questionários relativos a crianças com 6 anos de idade que acabaram por integrar a amostra), sendo a média de 3.8 anos (*DP* = 1.27).

Relativamente ao agregado familiar, a maioria das crianças pertence a uma família nuclear, constituindo 73.9% da amostra; 14.3% pertence a uma família monoparental; 10.6% pertence a uma família alargada; e apenas 0,6% pertence a uma família reconstruída. Uma percentagem de 62.1% das crianças têm irmãos, enquanto 35.4% são filhos únicos. A Tabela 1 apresenta a caraterização geral das crianças da amostra.

**Tabela 1. Distribuição da amostra por, Jardim de Infância, género, idade, tipo de família e irmãos da criança**

| | *N* | % |
|---|---|---|
| **Jardim de Infância** | | |
| JI Lar de Sta. Maria Peniche | 63 | 39.1 |
| JI EB BC Azambuja | 52 | 32.2 |
| JI CP Ereira | 34 | 21.1 |
| JI Cartaxo | 12 | 7.5 |
| **Género** | | |
| Masculino | 77 | 47.8 |
| Feminino | 84 | 52.2 |
| **Idades** | | |
| 2 | 33 | 20.5 |
| 3 | 34 | 21.1 |
| 4 | 43 | 26.7 |
| 5 | 35 | 21.7 |
| 6 | 16 | 9.9 |
| **Tipo de Família** | | |
| Nuclear | 119 | 73.9 |
| Monoparental | 23 | 14.3 |
| Alargada | 17 | 10.6 |
| Reconstruída | 1 | 0.6 |
| Outro | 1 | 0.6 |
| **Irmãos** | | |
| Com irmãos | 100 | 63,7 |
| Sem irmãos | 57 | 36,3 |
| Omisso | 4 | 2.5 |

O preenchimento do questionário foi da responsabilidade dos pais ou cuidadores das crianças, sendo que em 90.7% dos casos ($n$ = 146) o respondente foi a mãe, em 6.8% dos casos ($n$ = 11) foi o pai, e em 1.9% das vezes ($n$ = 3) o seu completamento ficou a cargo de outro cuidador/familiar.

Em seguida apresenta-se uma caraterização geral das mães e pais das crianças da amostra.

A idade das mães varia entre os 22 e os 53 anos, sendo a média de 35,07 anos (cf. Tabela 2). A maioria tem entre 31 a 40 anos, correspondendo a 68.9% das mães; 19.3% têm idade igual ou inferior a 30 anos; e apenas 11.2% têm mais de 40 anos. No que diz respeito aos pais, a idade varia entre os 23 e os 65 anos, situando-se a média nos 37,62 anos, cerca de dois anos e meio acima da média de idade das mães. A maioria dos pais situa-se também no intervalo dos 31 a 40 anos, constituindo uma percentagem de 62.1%; 24.2% têm mais de 40 anos; e apenas 9.9% têm 30 anos ou menos de idade.

**Tabela 2. Frequências da idade dos pais**

| | *N* | % |
|---|---|---|
| **Idade Mãe** | | |
| Até 30 anos | 31 | 19.3 |
| De 31 a 40 anos | 111 | 68.9 |
| Mais de 40 anos | 18 | 11.2 |
| Omisso | 1 | 0.6 |
| **Idade Pai** | | |
| Até 30 anos | 16 | 9.9 |
| De 31 a 40 anos | 100 | 62.1 |
| Mais de 40 anos | 39 | 24.2 |
| Omisso | 6 | 3.7 |

Relativamente às habilitações académicas parentais (cf. Tabela 3), a maioria das mães dos sujeitos da amostra possui níveis de escolaridade equivalentes ao 10º, 11º ou 12º ano (35.4%), ou à Licenciatura (34.2%). No que diz respeito aos pais das crianças, são o 7º, 8º ou 9º ano, e o 10º, 11º ou 12º, os níveis de escolaridade em que a maioria se insere, com 31,7% e 26.1% das percentagens, respetivamente.

**Tabela 3. Frequências das habilitações académicas parentais**

| **Nível de Escolaridade** | Mãe | | Pai | |
|---|---|---|---|---|
| | N | % | N | % |
| Até 4º ano | 4 | 2.5 | 14 | 8.7 |
| 5º ou 6º ano | 8 | 5 | 16 | 9.9 |
| 7º, 8º ou 9º ano | 26 | 16.1 | 51 | 31.7 |
| 10º, 11º ou 12º ano | 57 | 35.4 | 42 | 26.1 |
| Bacharelato | 2 | 1.2 | 1 | 0.6 |
| Licenciatura | 55 | 34.2 | 26 | 16.1 |
| Mestrado | 5 | 3.1 | 4 | 2.5 |
| Doutoramento | 2 | 1,2 | 0 | 0 |
| Omisso | 2 | 1.2 | 7 | 4.3 |

No que respeita à categoria profissional dos pais e das mães dos sujeitos, atendeu-se à Classificação Portuguesa das Profissões (INE, 2011): 1) Quadros Superiores e Dirigentes; 2) Especialistas e profissões intelectuais e científicas; 3) Técnicos e profissionais de nível intermédio; 4) Pessoal administrativo; 5) Pessoal de serviços, segurança e vendedores; 6) Trabalhadores qualificados da agricultura, pesca e floresta; 7) Operários, artífices e similares; 8) Operadores de instalações e máquinas; e 9) Trabalhadores não qualificados. Foram também criadas as categorias 0) Desempregado(a), 10) Estudante, e 11) Reformado(a).

Pela análise da Tabela 4, é possível constatar que as mães ocupam maioritariamente as três seguintes categorias profissionais: 5) Pessoal de serviços, segurança e vendedores (27.3%); 3) Técnicos e profissionais de nível intermédio (18.6%); e 2) Especialistas e profissões intelectuais e científicas (13.7%). Uma percentagem de 11.8% encontra-se desempregada. Relativamente às ocupações dos pais, verifica-se que a maioria integra as categorias: 3) Técnicos e profissionais de nível intermédio (21.1%; cerca de 2.5% superior ao número de mães na mesma categoria); 8) Operários de instalações e máquinas (16.1%); e 7) Operários, artífices e similares (13%). A percentagem de pais desempregados (5.6%) é menos de metade da percentagem de mães na mesma situação.

**Tabela 4. Categoria profissional das mães e pais dos sujeitos da amostra**

| | Categoria Profissional | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Mãe | | Pai | |
| | *n* | % | *n* | % |
| Desempregado(a) | 19 | 11.8 | 9 | 5.6 |
| Quadros Superiores | 3 | 1.9 | 10 | 6.2 |
| Profissões intelectuais e científicas | 22 | 13.7 | 15 | 9.3 |
| Profissionais de nível intermédio | 30 | 18.6 | 34 | 21.1 |
| Pessoal administrativo | 17 | 10.6 | 8 | 5 |
| Serviços, segurança e vendedores | 44 | 27.3 | 17 | 10.6 |
| Agricultura, pesca e floresta | 0 | 0 | 3 | 1.9 |
| Operários, artífices e similares | 5 | 3.1 | 21 | 13 |
| Operadores de instalações | 8 | 5 | 26 | 16.1 |
| Trabalhadores não qualificados | 6 | 3.7 | 5 | 3.1 |
| Estudante | 1 | 0.6 | 0 | 0 |
| Reformado(a) | 1 | 0.6 | 0 | 0 |
| Omissos | 5 | 3.1 | 13 | 8.1 |

O nível socioeconómico (NSE) das famílias das crianças foi determinado com base no procedimento utilizado por Simões (1995), a partir do cruzamento da profissão principal (e mais importante), correspondente ao trabalho remunerado do pai ou mãe, à situação na profissão (patrão/empresário, trabalhador por conta de outrem), e ao nível de escolaridade (grau de ensino mais elevado, ainda que incompleto). A classificação utilizada resume-se do seguinte modo: *nível socioeconómico baixo: trabalhadores assalariados, por conta de outrem, trabalhadores não especializados da indústria e construção, empregados de balcão, contínuos, cozinheiros, empregados de limpeza* (…) (Simões, 1995, p. 330); até ao 9º ano de escolaridade; *nível socioeconómico médio*: *profissionais técnicos*

*intermédios independentes, empregados de escritório, seguros, bancários, contabilistas (...) professores primários e de secundário, comerciantes e industriais; do 9º ao 12º ano de escolaridade; cursos médios e superiores*; e o *nível socioeconómico elevado: grandes proprietários ou empresários agrícolas, do comércio ou indústria, quadros superiores da administração pública, comércio e indústria, profissões liberais (...)* (Simões, 1995, p. 331)*;* do 12º ano de escolaridade ao Mestrado.

A grande maioria dos sujeitos deste estudo (64.6%) pertence a um NSE médio, 23% compreende um NSE baixo; e 12.3% pertence a um NSE elevado, abrangendo uma minoria da amostra.

## 3. Instrumentos

### 3.1 Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi elaborado com o propósito de recolher informações acerca da criança e dos pais, que pudessem contribuir para a investigação. Relativamente à criança, o questionário inclui questões referentes ao sexo, idade, existência de irmãos e respetivas idades, e agregado familiar; no que concerne aos pais, inclui questões relativas à idade, nível de escolaridade e profissão.

### 3.2. Questionário das Birras e Estratégias Parentais

O Questionário das Birras e Estratégias Parentais consiste numa adaptação do Questionário das Birras (Silva, 2013), tendo sido adicionadas questões relativas à duração, aos motivos das birras, e às estratégias parentais.

O questionário encontra-se dividido em quatro partes principais. A Parte 1 aborda, sob a forma de questões de resposta aberta, a frequência das birras no que reporta aos últimos três meses (por ser um referencial temporal concreto e relativamente próximo, facilitando a capacidade de evocação), as manifestações observadas na última birra, e estratégias parentais aplicadas face à última birra. Optou-se pela inclusão de questões de resposta aberta por permitirem que os respondentes expressem as suas ideias espontaneamente, sendo que as respostas têm menos tendência a ser sugeridas ou guiadas (em comparação com as respostas fechadas), e possibilitam também a recolha de nova informação sobre um determinado tema (Siniscalco & Auriat, 2005).

As questões de resposta aberta são também vantajosas quando se estão a desenvolver as primeiras versões de um questionário ou quando se pretende recolher evidências de parâmetros acerca de uma temática. Na primeira parte, foi ainda incluída uma questão relativa à duração da última birra com uma escala referenciada de 6 pontos, que oscilam num intervalo entre *menos de 5 minutos* e *mais de 25 minutos* (*Menos de 5 minutos, Entre 5 a 10 minutos, Entre 10 a 15 minutos, Entre 15 a 20 minutos, Entre 20 a 25 minutos, Mais de 25 minutos*), incluindo neste espetro as durações já relatadas em estudos anteriores (Belden et al., 2008; Broder, 2013; Einon & Potegal, 1994; Goodenough, 1931; Mireault & Trahan, 2007; Österman & Björkqvist, 2010; Potegal & Davidson, 2003). Este formato de item é o ideal para avaliar um referencial concreto, como é o caso da presente questão (Moreira, 2004).

A Parte 2, formada por 16 questões, diz respeito às manifestações de birra da criança nos últimos três meses e à respetiva frequência, sendo as respostas dadas numa escala de *Likert* de 3 pontos (*nunca, algumas vezes, muitas vezes*). A utilização de uma escala referenciada com advérbios de frequência permite que o respondente exponha a sua impressão subjetiva da frequência das manifestações em causa (Moreira, 2004). Os itens incluídos foram maioritariamente baseados nos comportamentos indicados no Modelo de raiva e angústia de Potegal e colaboradores (2009; Silva, 2013), incluindo manifestações respeitantes à raiva: por exemplo, item 1 (gritar), item 3 (pontapear), item 7 (magoar-se a si mesmo), item 9 (bater os pés), item 12 (bater), item 13 (discutir), item 19 (atirar objetos); e manifestações respeitantes à angústia: item 2 (chorar), item 6 (choramingar), item 11 (amuar), e item 14 (agarrar-se a chorar – busca de conforto). Os restantes itens estão relacionados com o isolamento (por exemplo, item 4 (isola-se/foge) e 8 (evita contacto)), e assim como muitos dos anteriormente referidos, foram também baseados nas principais manifestações de birra descritas por outros autores, como Bhatia e colaboradores (1990), Broder (2013), Einon e Potegal (1994), e Potegal e Davidson (2003). Existe ainda um último item (16) no qual o respondente pode indicar uma outra manifestação não contida na escala e assinalar a sua frequência.

A Parte 3 inclui 21 questões relativas às estratégias parentais face às birras, sendo que as possibilidades de resposta variam numa escala bipolar

de -2 a +2 (-2, -1, 0, 1, 2), entre os extremos definidos por *completamente em desacordo e completamente de acordo*, conforme a opinião em relação à utilização da estratégia referida. Os graus contidos entre os extremos são apresentados apenas por números, pois a questão acarreta uma quantificação subjetiva. A opção por uma escala bipolar esteve relacionada com o julgamento da concordância (desde ponto máximo de discordância, passando por um ponto central neutro, até ao ponto máximo de concordância) subjacente à resposta (Moreira, 2004). Os itens contidos nesta escala basearam-se na representação de estratégias do tipo coercivo, que fazem com que a criança controle os seus comportamentos em função de punições (Hoffman, 1975, 1994), como os itens 4 (envergonhar), 8 (ralhar), 10 (dar palmadas), 12 (dizer *não gosto*), e 14 (ameaçar); e estratégias não punitivas, sendo exemplos os itens, 1 (esperar), 5 (manter a calma), 9 (prevenir), 11 (conversar), 13 (tentar perceber o lado da criança), e ainda os itens 7 (levar a aceitar ponto de vista), 15 (explicar), representando também as estratégias indutivas (também não punitivas), que incitam à reflexão das consequências dos seus atos (Hoffman, 1975, 1994). As estratégias descritas nos restantes itens, assim como as anteriormente referidas, foram também fundamentadas ou derivadas a partir das principais respostas parentais às birras relatadas por outros estudos (Bhatia et al., 1990; Broder, 2013; Mireault & Trahan, 2007; Potegal & Davidson, 2003), representando estratégias relacionadas com cedência (itens 2, 6, 16), acarinhar (item 19) ou tentar distrair a criança (item 18).

A última parte (Parte 4) inclui uma questão respeitante à enumeração ordenada dos três motivos (de uma lista de 12) pelos quais a criança faz birras. Este formato de questão permite a extração das três principais causas de birra, obtendo-se ainda a sua ordenação (primeiro, segundo e terceiro motivos). Os motivos contemplados nas 12 alternativas de resposta foram fundamentalmente baseados nos precipitantes de birras mais apontados em estudos anteriores (Bhatia et al., 1990; Broder, 2013; Einon & Potegal, 1994; Mireault & Trahan, 2007), destacando-se, por serem comuns aos vários estudos: a negação de um pedido/imposição por parte do adulto, impedindo a criança de levar a cabo a sua avante e exibindo uma birra para *conseguir o que quer* (item *a*), as sensações de fadiga/fome (itens g*) Quando está cansado* e *f) Quando está com fome*), e as situações de rotinas diárias (item

*k) Durante a rotina diária (...)*. A estes, acrescentaram-se ainda itens que avaliam determinantes emocionais (por ex., quando está nervoso) ou a obtenção de atenção.

### 4. Procedimentos

O processo de aplicação e recolha dos instrumentos de avaliação decorreu entre os meses de Maio e Novembro de 2015.

Depois do procedimento ter sido analisado em conjunto com os responsáveis pelos Jardins de Infância, foi decidido que os questionários seriam entregues aos pais pelas Educadoras. As devidas instruções de preenchimento foram, anteriormente, rigorosamente fornecidas às Educadores pela autora do estudo, assim como demonstrada total disponibilidade em ser contactada no caso de surgimento de quaisquer dúvidas. Esta decisão foi tomada pela dificuldade em concretizar uma reunião com todos os grupos de pais de crianças que respeitassem o critério de inclusão no estudo, para o efeito de administração do instrumento.

Os pais foram previamente informados por escrito acerca do conteúdo do questionário e objetivos da investigação, assim como da garantia de confidencialidade e anonimato, apelando à sua participação neste estudo. Apelou-se à devolução dos instrumentos numa determinada data, a fim de facilitar a recolha dos mesmos.

## IV - Resultados

Na primeira parte do Questionário das Birras e Estratégias Parentais (QBEP), foram contabilizados 10 omissos, sendo a maioria relativa à frequência das birras (7 omissos), e os restantes relativos à duração das birras (3 omissos). Na segunda parte do QBEP, acerca das manifestações das birras, foram apenas contabilizados 3 omissos, distribuídos pelos itens 4, 8 e 9. No que concerne à terceira parte, que remete às estratégias parentais face às birras, contabilizaram-se um total de 12 omissos, 2 em cada um dos itens, 2, 3, 4, e 11, e 1 nos itens 5, 8, 10 e 12. Finalmente, na quarta parte do questionário, referente aos motivos de birra, foram 10 os omissos contabilizados, sendo apenas 1 omisso relativo ao primeiro motivo, e 4 e 5 relativos so 2º e 3º motivos, respetivamente. As respostas omissas das partes 2 e 3 foram tratadas com recurso ao método *Linear Trend at Point*, sendo

substituídas pelos valores previstos (Roth, 1994). As respostas omissas das Partes 1 e 4 não foram tratadas estatisticamente por se tratar, respetivamente, de questões abertas ou que requeriam a seleção de alternativas específicas.

Optou-se por não incluir a análise da terceira e quarta questões de resposta aberta da Parte 1, referentes às manifestações de birra e estratégias parentais perante as mesmas. Esta decisão foi tomada não só pelo facto destas temáticas serem abordadas em escalas próprias na segunda e terceira partes do QBEP (constituindo uma fonte mais sólida de análise e resultados), mas também pela consequente extensão de texto, que contribuiria para que o número de páginas limite desta dissertação fosse ultrapassado.

As análises estatísticas foram realizadas com recurso à versão 22 do IBM SPSS *Statistics*, e serão apresentadas pela ordem correspondente às quatro partes do questionário.

**-Parte 1**

1. **Frequência das birras**

Para que a análise da primeira questão fosse possível, as respostas relativas à frequência das birras, foram, consoante o número de birras/frequência apontada, agrupadas em cinco categorias (*Nunca; 1 a 6 vezes ou 1 a 2 vezes/mês ou raramente; 7 a 30 vezes ou + de 2 vezes/mês até 10 vezes por mês ou algumas vezes; 31 a 89 vezes ou + de 10 vezes/mês até quase todos os dias ou muitas vezes;* e *Igual ou superior a 90 vezes ou diariamente*). Atribuiu-se a cada uma destas categorias uma escala de 0 a 4 pontos.

Ao analisar a totalidade da amostra relativamente à frequência das birras, verifica-se que, nos últimos três meses (face ao momento do preenchimento do questionário), praticamente todas as crianças tiveram birras, à exceção de uma percentagem de 5,2%. A frequência mais relatada foi de *7 a 30 vezes, ou mais de 2 vezes/mês até 10 vezes por mês, ou algumas vezes*, em 34,4% dos casos, seguindo-se a frequência de *Igual ou superior a 90 vezes ou diariamente*, em 22,1% dos casos (Tabela 5).

O teste de correlação de *Spearman* indica que existe uma correlação negativa significativa, ainda que baixa, entre a idade e a frequência das

birras, $r_s$ = -.17, $p$ = 0,039, apontando para que uma idade mais elevada está associada a uma menor frequência de birras.

**Tabela 5. Frequência das birras**

| Frequência | N | % |
|---|---|---|
| Nunca | 8 | 5,2 |
| 1 a 6 vezes ou 1 a 2 vezes/mês ou raramente | 28 | 18,2 |
| 7 a 30 vezes ou + de 2 vezes/mês até 10 vezes por mês ou algumas vezes | 53 | 34,4 |
| 31 a 89 vezes ou + de 10 vezes/mês até quase todos os dias ou muitas vezes | 31 | 20,1 |
| Igual ou superior a 90 vezes ou diariamente | 34 | 22,1 |
| Total | 154 | 100 |

## 2. Duração das birras

Ao nível da duração da última birra, mais de metade das crianças da amostra (53,4%) apresentaram episódios inferiores a 5 minutos, e apenas 5,1% prolongaram as suas birras por mais de 15 minutos (Tabela 6).

A análise do coeficiente de *Pearson* revela uma correlação positiva significativa, ainda que baixa (Cohen, 1988), entre a idade da criança e a duração da birra, $r$ = .16, $p$ = 0.023 (em p < 0,05). Assim, maior idade da criança está a associada a maior duração de birra.

**Tabela 6. Frequências da duração das birras.**

| Duração | N | % |
|---|---|---|
| Não tem | 1 | 0,6 |
| < 5 minutos | 86 | 53,4 |
| 5-10 minutos | 30 | 19 |
| 10-15 minutos | 33 | 20,9 |
| Mais de 15 minutos | 8 | 5,1 |
| Total | 158 | 100 |

**-Partes 2 e 3**

## 3. Validade de Constructo

A validade de constructo do QBEP foi avaliada recorrendo à análise fatorial exploratória da sua segunda e terceira parte (escala das manifestações das birras e escala das estratégias parentais face às birras, respetivamente). Contudo, é importante relembrar que a amostra do presente

estudo tem apenas 163 sujeitos e, por conseguinte, a análise das propriedades psicométricas do QBEP deve ser encarada como provisória.

Analisando o cumprimento de pressupostos subjacentes à realização desta análise, foi constatada, relativamente à segunda parte do QBEP, uma adequação média (Marôco, 2014), segundo o cálculo da medida Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,75). Do mesmo modo, o teste de esfericidade de Bartlett indicou que os itens estão significativamente correlacionados (p = 0,00), apontando para a legitimidade da realização da análise fatorial (Pallant, 2005; Stevens, 1986).

Aplicando o método de análise dos componentes principais, e empregando o critério de Kaiser, foram extraídos 5 fatores com *eigenvalues* superiores a 1. Segundo Field (2009), contudo, este critério pode sobrestimar os fatores a reter. Dado que esta regra não deve ser considerada isoladamente, foi também utilizado o critério do *scree plot* de Cattel (Field, 2009; Marôco, 2014). Este teste propõe a extração de 3 a 4 fatores (explicando 46.8% e 54.6% da variância total), dado que o ponto de inflexão ocorre entre o terceiro e quarto valor (Figura 1).

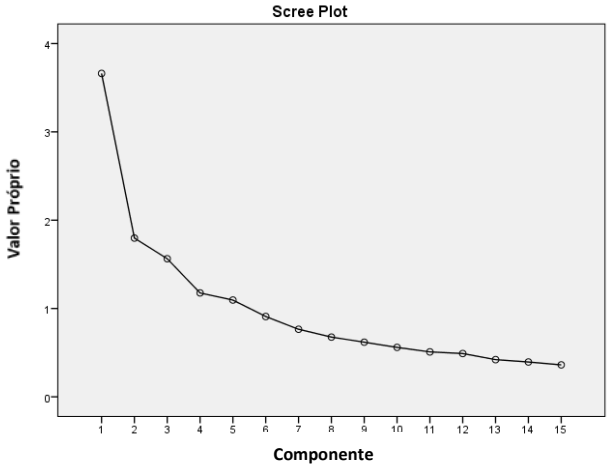


**Figura 1. Teste do *Scree-Plot* da Parte 2 do QBEP**

A comunalidade média é inferior a 0.60 ($h^2$ = 0.47), sendo que os valores das comunalidades variam entre 0,20 e 0,67 (Tabela 7). No entanto, segundo Callum, Widaman, Zhang, e Hong (1999), comunalidades médias de 0,50 em amostras entre 100 a 200 sujeitos são consideradas suficientes, desde que haja relativamente poucos fatores, condições que se tendem a verificar no presente estudo.

A solução de 3 fatores, originada com recurso à rotação ortogonal - *Varimax with Kaiser Normalization*, foi a selecionada. Após serem analisadas soluções com diferentes números de fatores e utilizados outros métodos de rotação (*Direct Oblimin*), a solução de 3 fatores revelou-se a opção mais adequada e coerente na interpretação.

Como valor crítico foram apenas considerados pesos fatoriais superiores a 0.3 – valor absoluto (Field, 2000), sendo que todos os itens apresentaram valores superiores a 0.4 (saturação mais baixa igual a 0.46) (Tabela 7).

**Tabela 7. Comunalidades e Pesos Fatoriais da Parte 2 do QBEP**

| | | Componente | | |
|---|---|---|---|---|
| | Comunalidades | 1 | 2 | 3 |
| 1. Grita | 0,54 | **0,70** | 0,12 | 0,20 |
| 2. Chora | 0,47 | 0,23 | 0,02 | **0,65** |
| 3. Pontapeia | 0,57 | **0,75** | 0,12 | -0,03 |
| 4. Isola-se | 0,60 | 0,04 | **0,77** | -0,11 |
| 5. Diz palavrões | 0,20 | **0,73** | 0,04 | 0,05 |
| 6. Choraminga | 0,67 | -0,02 | -0,03 | **0,81** |
| 7. Magoa-se | 0,24 | **0,46** | 0,14 | -0,12 |
| 8. Evita contacto | 0,60 | 0,22 | **0,74** | 0,01 |
| 9. Bate pés | 0,50 | **0,70** | -0,05 | -0,10 |
| 10. Atira objetos | 0,56 | **0,74** | 0,08 | -0,03 |
| 11. Amua | 0,60 | 0,01 | **0,76** | 0,18 |
| 12. Bate nas pessoas | 0,37 | **0,55** | -0,02 | 0,26 |
| 13. Discute com pessoas | 0,34 | **0,46** | 0,15 | 0,32 |
| 14. Agarra-se a chorar | 0,35 | 0,03 | 0,03 | **0,59** |
| 15. Atira-se para o chão | 0,40 | **0,56** | -0,30 | 0,00 |
| Número de itens | | 9 | 3 | 3 |
| *Eigenvalue* | | 3,67 | 1,80 | 1,60 |
| Variância explicada % | | 22,72 | 12,67 | 11,42 |

Os nomes atribuídos a dois dos fatores (Raiva e Angústia) foram baseados no *Modelo de raiva-angústia* de Potegal e colaboradores (2003). O modelo distingue dois componentes principais das birras, a raiva e a angústia, cujas manifestações associadas estão em concordância com as descrições dos itens do QBEP de ambos os fatores. O restante fator foi designado Isolamento, compreendendo manifestações associadas ao evitamento de contacto e ao isolamento.

O fator 1 – Raiva, é constituído por 9 itens (1, 3, 5, 7, 9, 10, 12, 13, 15), e explica 22.72% da variância; o fator 2 – Isolamento, é constituído por 3 itens (4, 8, 11), e explica 12.67% da variância; e o fator 3 – Angústia,

também formado por 3 itens (2, 6, 14), explica 11.42% da variância (Tabela 7). Os 3 fatores são, responsáveis pela explicação de 46.817 % da variância total, que, apesar de se aproximar, não atinge o valor de 50% indicado por Marôco (2014). Não obstante, todos os fatores satisfazem o critério proposto por Marôco (2014) de explicação de, pelo menos, 5% da variância.

Em relação à terceira parte do QBEP, importa referir que a escala de cotação bipolar de -2 a +2 foi convertida numa escala de 1 a 5 pontos. Para analisar a possibilidade da realização de uma análise fatorial desta parte do QBEP, calculou-se a medida Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,638), verificando-se uma adequação medíocre, mas aceitável (Marôco, 2014). No mesmo sentido, realizou-se o teste de esfericidade de Bartlett, que indicou que os itens estão significativamente correlacionados (p = 0,00), mostrando-se novamente admissível a análise fatorial (Pallant, 2005; Stevens, 1986).

Ao realizar a análise de componentes principais, e utilizando o critério de Kaiser, foram extraídos 7 fatores com *eigenvalues* superiores a 1. Por outro lado, o critério do *scree plot* de Cattel (Field, 2000; Marôco, 2014) propõe a extração de 4 a 5 fatores (que explicam 43.018% e 49.327% da variância total, respetivamente) (Figura 2).

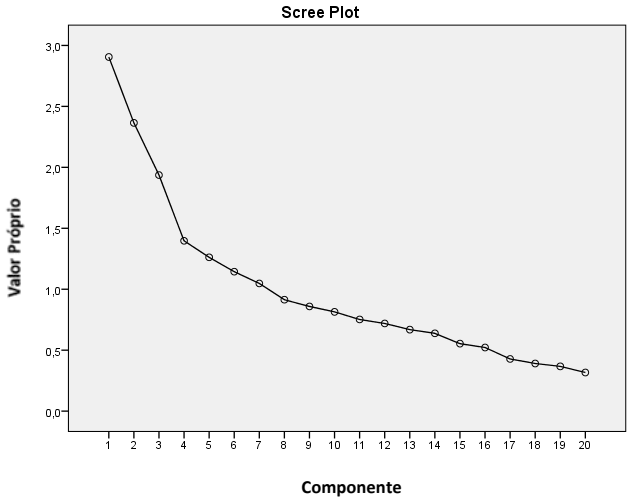


**Figura 2. Teste do *Scree-Plot* da Parte 3 do QBEP**

A comunalidade média apresenta-se inferior a 0.60 ($h^2$ = 0.49), e os valores das comunalidades variam entre 0,21 e 0,63 (Tabela 8). Analisaram-se soluções com diferentes números de fatores e utilizaram-se vários métodos de rotação. A solução mais adequada corresponde à rotação

ortogonal (*Varimax with Kaiser Normalization*) de 5 fatores, comparativamente à rotação oblíqua (*Oblimin with Kaiser Normalization*) de 5 fatores, e à rotação ortogonal de 4 fatores. Como referido anteriormente, foram apenas considerados pesos fatoriais superiores a 0,3 (Field, 2009), sendo que somente um dos itens se situou abaixo de 0,4 (item 8), e dois dos itens abaixo de 0,5 (itens 9 e 13) (Tabela 8). Devido a apresentarem saturações negativas, quatro dos itens (2, 5, 10, 13) foram sujeitos a uma recodificação, invertendo a cotação que lhes era atribuída, e assegurando que estão codificados no mesmo sentido conceptual dos restantes itens (Maroco & Garcia-Marques, 2006).

Os 5 fatores são responsáveis pela explicação de 49,327% da variância total. O fator 1, Cedência, explica 11,46% da variância total, e inclui itens associados a estratégicas parentais como ceder, subornar, distrair e dar carinho (itens 6, 16, 18, 19); 11,06% da variância total é justificada pelo fator 2, Ralhar/Envergonhar, que apresenta um conteúdo um pouco ambíguo ao ser constituído por itens relacionados com, por um lado, envergonhar, ralhar e ameaçar (itens 4, 8, 14), e por outro lado, com saturações negativas, itens como tentar perceber o lado da criança e manter-se calmo; 10,14% da variância total é explicada pelo fator 3, Ignorar, também de conteúdo relativamente híbrido, ao agrupar itens relacionados com ignorar (20) e deixar no local (3), assim como o item contrastante relacionado com a prestação de atenção (2), com saturação negativa; o fator 4, Não Punitivas, explica 10,05% da variância total, apresentando um conteúdo bastante coerente ao contemplar itens relacionados com levar a aceitar ponto de vista, prevenir a birra, conversar, explicar, e incitar pedido de desculpas (itens 7, 9, 11, 15 e 17); finalmente, o fator 5, Retirar afeto/Esperar, explica 6,63% da variância total, e está relacionado com a retirada de afeto, e esperar (itens 12 e 1), e com, sendo uma estratégia menos congruente com as restantes, apresentando saturação negativa, a punição física (item 10).

**Tabela 8. Comunalidades e Pesos Fatoriais da Parte 3 do QBEP**

| | | Componente | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Comunalidades | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1. Esperar | 0,54 | 0,05 | -0,50 | -0,07 | 0,11 | **0,51** |
| 2. Dar atenção | 0,63 | 0,45 | 0,02 | **-0,65** | 0,02 | -0,08 |
| 3. Deixar | 0,42 | -0,03 | 0,12 | **0,56** | 0,29 | -0,06 |
| 4. Envergonhar | 0,31 | -0,07 | **0,54** | 0,03 | 0,08 | -0,06 |
| 5. Calmo | 0,49 | -0,15 | **-0,67** | 0,01 | 0,02 | -0,15 |
| 6. Ceder | 0,50 | **0,53** | 0,21 | -0,32 | -0,25 | 0,09 |
| 7. Aceitar ponto de vista | 0,58 | -0,11 | -0,13 | -0,50 | **0,53** | 0,11 |
| 8. Ralhar | 0,21 | 0,11 | **0,31** | 0,29 | 0,06 | -0,12 |
| 9. Prevenir | 0,35 | -0,09 | -0,05 | -0,02 | **0,49** | -0,20 |
| 10. Palmadas | 0,57 | 0,21 | 0,28 | 0,31 | 0,07 | **-0,60** |
| 11. Conversar | 0,59 | -0,05 | -0,44 | 0,11 | **0,60** | -0,14 |
| 12. Dizer *não gosto* | 0,51 | 0,03 | 0,16 | 0,19 | 0,05 | **0,67** |
| 13. Perceber | 0,43 | 0,20 | **-0,47** | -0,02 | 0,40 | 0,09 |
| 14. Ameaçar | 0,62 | 0,54 | **0,53** | 0,18 | 0,07 | -0,08 |
| 15. Explicar | 0,49 | -0,07 | 0,10 | 0,08 | **0,65** | 0,22 |
| 16. Subornar | 0,56 | **0,65** | 0,37 | 0,04 | 0,05 | 0,01 |
| 17. Pedir desculpa | 0,39 | 0,10 | 0,19 | 0,14 | **0,57** | 0,04 |
| 18. Distrair | 0,55 | **0,70** | -0,19 | 0,15 | 0,04 | 0,05 |
| 19. Carinho | 0.61 | **0,66** | -0,20 | -0,26 | -0,11 | -0,23 |
| 20. Ignorar | 0,52 | 0,03 | -0,05 | **0,70** | -0,12 | 0,09 |
| Número de itens | | 4 | 5 | 3 | 5 | 3 |
| *Eigenvalue* | | 2,91 | 2,37 | 1,94 | 1,40 | 1,26 |
| Variância explicada % | | 11,46 | 11,06 | 10,14 | 10,05 | 6,63 |

## 4. Consistência Interna

A consistência interna da parte 2 e 3 do QBEP foi avaliada com recurso ao Alfa de *Cronbach*. A parte 2, relativa às manifestações de birra, apresenta um nível de consistência interna da escala total aceitável (α = 0,74). Segundo George e Mallery (2003), níveis entre *0,6* e *0,7* são questionáveis, acima de *0,7* são considerados aceitáveis, e acima de *0,8* são considerados bons. No que concerne aos três fatores que compõem esta parte do questionário, o fator 1, Raiva, revela um nível de consistência interna aceitável, apresentando um alfa de Cronbach de 0,78; o fator 2, Isolamento, revela um nível questionável (α = 0,68); e o fator 3, Angústia, apresenta uma consistência muito frágil (α = 0,51). É, contudo, importante reter que os valores do alfa de Cronbach são sensíveis ao número de itens de uma escala, sendo comummente apresentados valores baixos em escalas com menos de 10 itens (Pallant, 2011), o que se verifica, principalmente, nos dois últimos

fatores apresentados. Além disso, os itens são pouco redundantes entre si e a amostra é restrita, o que também pode ter influenciado negativamente a consistência interna (DeVellis, 2003).

Os cinco fatores que constituem a Parte 3 apresentam-se também pouco consistentes, com valores de alfa de *Cronbach* que oscilam entre 0,62 (fator 1 – Cedência), 0,52 (fator 2 – Envergonhar/Ralhar), 0,56 (fator 3 - Ignorar), 0,55 (fator 4 – Não punitivas) e 0,39 (fator 5 – Retirar afeto/Esperar). O baixo nível de consistência apresentado pode dever-se, tanto aos motivos acima mencionados, como ao seu conteúdo relativamente híbrido.

## 5. Análise Descritiva das Manifestações de Birra

Procedendo à análise descritiva dos itens da escala do QBEP relativos às manifestações das birras (Parte 2; Tabela 9), constata-se que os 3 pontos da escala *Likert* foram utilizados em praticamente todos os itens, à exceção do item 5 (Diz palavrões), no qual não se registaram respostas equivalentes a 2 pontos (*Muitas vezes*). Contudo, observa-se que a maioria das respostas incidiu entre 0 pontos (*Nunca*) e 1 ponto (*Às vezes*).

Os itens 5 (Diz palavrões) e 7 (Magoa-se) são os que revelam valores mais baixos, seguindo-se os itens 12 (Bater nas pessoas), 3 (Pontapeia) e 15.

Apresentado, por outro lado, os valores mais elevados, salientam-se os itens 2 (Chora) e 6 (Choraminga), com uma média de 1,30 (DP = 0,534), seguindo-se os itens 1 (Grita) e 14 (Agarra-se a chorar).

A análise descritiva dos fatores (Parte 2) ao nível da amostra total, revela ser o fator 1, Raiva, a possuir a média mais elevada, 4,41 (*DP* = 3,111), apresentando valores que oscilam entre 0 e 14. O fator 3, Angústia, apresenta uma média de 3,63 (*DP* = 1,224), e o fator 2, Isolamento, surge com a média mais baixa, 1,94 (*DP* = 1,468), sendo que os valores de ambos os fatores oscilam entre 0 e 6. Retomar-se-à a comparação dos fatores mais adiante, quando se proceder à análise da influência da idade e do género.

**Tabela 9. Análise descritiva dos itens da escala das manifestações de birra (Parte 2 do QBEP)**

| | M | DP | Min | Max |
|---|---|---|---|---|
| 1. Grita | 0,97 | 0,656 | 0 | 2 |
| 2. Chora | 1,36 | 0,565 | 0 | 2 |
| 3. Pontapeia | 0,48 | 0,643 | 0 | 2 |
| 4. Isola-se | 0,55 | 0,610 | 0 | 2 |
| 5. Diz palavrões | 0,06 | 0,242 | 0 | 1 |
| 6. Choraminga | 1,30 | 0,534 | 0 | 2 |
| 7. Magoa-se | 0,09 | 0,304 | 0 | 2 |
| 8. Evita contacto | 0,73 | 0,632 | 0 | 2 |
| 9. Bate pés | 0,73 | 0,661 | 0 | 2 |
| 10. Atira objetos | 0,59 | 0,617 | 0 | 2 |
| 11. Amua | 0,66 | 0,642 | 0 | 2 |
| 12. Bate nas pessoas | 0,37 | 0,546 | 0 | 2 |
| 13. Discute com pessoas | 0,65 | 0,636 | 0 | 2 |
| 14. Agarra-se a chorar | 0,96 | 0,611 | 0 | 2 |
| 15. Atira-se para o chão | 0,48 | 0,653 | 0 | 2 |

## 6. Análise Descritiva das Estratégias Parentais

No que respeita à escala do QBEP acerca das estratégias parentais (Parte 3; Tabela 10), verifica-se que os 5 pontos da escala de Likert foram utilizados em todos os itens. Destacam-se, associados aos valores mais baixos, os itens 12 (Dizer *não* gosto), 4 (Envergonhar) e 6 (Ceder). Com os valores mais elevados, surgem os itens: 15 (Explicar), 17 (Obrigar a pedir desculpa), e 1 (Esperar).

Ao nível dos fatores destaca-se o fator 4, Estratégias não Punitivas, apresentando a média mais elevada, 19,56 (*DP* = 3,214), e valores que oscilam entre 4 e 20. O fator 1, Cedência, possui uma média de 10,02 (*DP* = 3,290) e valores que variam entre 4 e 20; o fator 2, Envergonhar/Ralhar, apresenta uma média de 12,05 (*DP* = 3,360) e valores entre 5 e 25; e os fatores 3, Ignorar, e 5, Retirar afeto/Esperar, revelam as médias mais baixas, de 8,64 (*DP* = 2,899) e 9,31 (*DP* = 1,986), e valores que variam entre 3 e 15, e 4 e 15, respetivamente. A análise comparativa dos fatores será abordada mais adiante.

**Tabela 10. Análise descritiva dos itens da escala das Estratégias Parentais face às de birra (Parte 3 do QBEP)**

| | M | DP | Min | Max |
|---|---|---|---|---|
| 1. Esperar | 3,98 | 1,095 | 1 | 5 |
| 2. Dar atenção | 3,04 | 1,252 | 1 | 5 |
| 3. Deixar | 2,75 | 1,465 | 1 | 5 |
| 4. Envergonhar | 1,69 | 1,145 | 1 | 5 |
| 5. Calmo | 3,80 | 1,054 | 1 | 5 |
| 6. Ceder | 1,72 | 1,125 | 1 | 5 |
| 7. Aceitar ponto de vista | 3,88 | 1,045 | 1 | 5 |
| 8. Ralhar | 3,72 | 1,079 | 1 | 5 |
| 9. Prevenir | 3,58 | 1,143 | 1 | 5 |
| 10. Palmadas | 1,96 | 1,078 | 1 | 5 |
| 11. Conversar | 3,76 | 1,198 | 1 | 5 |
| 12. Dizer *não gosto* | 1,29 | 0,747 | 1 | 5 |
| 13. Perceber | 3,66 | 1,275 | 1 | 5 |
| 14. Ameaçar | 2,10 | 1,179 | 1 | 5 |
| 15. Explicar | 4,27 | 0,915 | 1 | 5 |
| 16. Subornar | 1,97 | 1,227 | 1 | 5 |
| 17. Pedir desculpa | 4,06 | 1,047 | 1 | 5 |
| 18. Distrair | 3,61 | 1,151 | 1 | 5 |
| 19. Carinho | 2,72 | 1,310 | 1 | 5 |
| 20. Ignorar | 2,92 | 1,270 | 1 | 5 |

## 7. Comparação das manifestações das birras em função da idade e género

Com o intuito de explorar a influência da idade nas manifestações de Raiva, Isolamento e Angústia medidas pelo QBEP, foram conduzidas três análises da variância (ANOVA), apresentadas na Tabela 11. As crianças com 6 anos foram excluídas das análises que incluem a variável idade e que utilizam testes paramétricos, totalizando-se uma amostra de 145 indivíduos. Procedeu-se a esta eliminação pois o número de indivíduos com 6 anos é consideravelmente inferior ($n$ = 16) ao número de indivíduos com as restantes idades (2, 4, 5 anos).

**Tabela 11. Resultados da ANOVA Unilateral relativa às manifestações das birras.**

| | Idades | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | 2 | 3 | 4 | 5 | *F* (3,141) |
| | Média (DP) | Média (DP) | Média (DP) | Média (DP) | |
| (N = 145) | | | | | |
| Raiva | 5,61 (2,936) | 5,18 (3,050) | 3,56 (2,666) | 3,69 (3,350) | 4,34* |
| n | 33 | 34 | 43 | 35 | |
| (N = 145) | | | | | |
| Isolamento | 1,72 (1,419) | 1,94 (1,476) | 1,94 (1,273) | 2,03 (1,562) | 0,29 |
| n | 33 | 34 | 43 | 35 | |
| (N = 145) | | | | | |
| Angústia | 3,88 (1,193) | 3,82 (1,114) | 3,44 (1,368) | 3,34 (1,235) | 1,66 |
| n | 33 | 34 | 43 | 35 | |

*p < .05

A observação dos resultados médios nas diferentes idades revela que as manifestações de Raiva e Angústia tendem a diminuir, enquanto que as de Isolamento aumentam ligeiramente. A ANOVA evidenciou diferenças significativas ao nível da Raiva em função da idade da criança (Martins, 2011; Tabela 11). Para a seleção do teste de *Post-hoc* adequado, a homogeneidade da variância foi avaliada recorrendo ao teste de *Levene.* Concluiu-se que, nas pontuações relativas às manifestações de Raiva, as variâncias não eram significativamente diferentes entre os quatro grupos etários (Field, 2009; $F(3,141) = 0.615$, $p = 0,606$). Este facto, acrescido da verificação de que os grupos etários não tinham o mesmo número de sujeitos, levou a que se recorresse, ao teste *Post-hoc Hochberg GT2* (Wilcox, 2003). Este revelou que as crianças de 2 anos apresentavam mais manifestações de Raiva do que as crianças de 4 anos, dado que a diferença entre a média dos dois grupos é estatisticamente significativa ($p = 0,022$). Apesar de se registar uma diferença marginalmente significativa entre a média dos 2 e 5 anos ($p < 0,10$) (Martins, 2011), pode também afirmar-se que as crianças de 2 anos tendem a exibir este tipo de manifestações mais frequentemente do que as crianças de 5 anos ($p = 0,053$).

Ao nível das manifestações de Isolamento, não foram encontradas diferenças significativas entre as várias idades. Contudo, analisando as médias dos quatro grupos, observa-se que as crianças de 2 anos apresentaram valores ligeiramente inferiores relativos a esta manifestação quando comparadas com as restantes idades.

Identicamente, as manifestações de Angústia não apresentaram diferenças significativas entre as várias idades, mas a leitura da Tabela 11 permite constatar que os níveis etários correspondentes aos 2 e 3 anos apresentaram valores ligeiramente superiores aos evidenciados pelos 4 e 5 anos.

Para se averiguar a existência de diferenças significativas nas manifestações de birra em função do género das crianças, foram realizados testes t-*student* para amostras independentes (Manifestações de Raiva, Isolamento, Angústia) (Tabela 12).

**Tabela 12. Comparação das manifestações das birras segundo o género**

| | Masculino (*n* = 77) | Feminino (*n* = 84) | |
|---|---|---|---|
| Manifestações | Média (*DP*) | Média (*DP*) | *t* (159) |
| Raiva | 5,05 (3,252) | 3,83 (2,873) | 2,53* |
| Isolamento | 2,05 (1,504) | 1,84 (1,436) | 0,91 |
| Angústia | 3,64 (1,307) | 3,62 (1,150) | 0,09 |

*p < .05

Pela análise da Tabela 12, conclui-se que existem diferenças significativas entre o género masculino e feminino apenas ao nível das manifestações de Raiva, sendo que o primeiro apresentou maior número de manifestações de raiva do que os segundos. Os rapazes registaram também resultados ligeiramente mais elevados no Isolamento, ainda que tal não se revista de significância estatística.

## 8. Comparação das estratégias parentais em função da idade e género

Com o intuito de explorar a influência da idade nas várias estratégias parentais aplicadas face às birras avaliadas pelo QBEP, foram conduzidas as análises da variância (ANOVA), apresentadas na Tabela 13. A análise dos resultados médios nas diferentes idades revela que as estratégias de Cedência tendem a diminuir, enquanto que as Não Punitivas e as de Retirada de afeto tendem a aumentar com a idade. Existem diferenças significativas ao nível das estratégias de cedência em função da idade da criança (Martins, 2011).

**Tabela 13. Resultados da ANOVA Unilateral relativos às estratégias parentais**

| | Idades | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | 2<br>Média (DP) | 3<br>Média (DP) | 4<br>Média (DP) | 5<br>Média (DP) | *F*(3,141) |
| (N = 145)<br>Cedência<br>n | 11,33 (2,847)<br>33 | 11,09 (3,352)<br>34 | 9,16 (2,878)<br>43 | 9,11 (3,141)<br>35 | 5,55** |
| (N = 145)<br>Envergonhar/Ralhar<br>n | 11,52 (2,785)<br>33 | 12,28 (2,655)<br>34 | 11,27 (3,393)<br>43 | 12,48 (3,387)<br>35 | 1,33 |
| (N = 145)<br>Ignorar<br>n | 8,59 (2,606)<br>33 | 8,68 (2,889)<br>34 | 8,67 (3,084)<br>43 | 8,28 (2,791)<br>35 | 0,15 |
| (N = 145)<br>Não Punitivas<br>n | 18,94 (4,562)<br>33 | 18,97 (2,521)<br>34 | 19,90 (2,812)<br>43 | 19,74 (2,758)<br>35 | 0,91 |
| (N = 145)<br>Ret.Afeto/Esperar<br>n | 8,80 (1,829)<br>33 | 9,21 (2,118)<br>34 | 9,72 (1,944)<br>43 | 9,34 (2,141)<br>35 | 1,35 |

**p < .01

O teste de *Levene* revelou que nas pontuações relativas às estratégias de Cedência, as variâncias são homogéneas entre os quatro grupos etários (Field, 2009; $F(3, 141) = 0.452$, $p = 0{,}716$). Este facto, juntamente com a verificação de que os grupos estários não tinham o mesmo número de sujeitos, levou a que se utilizasse o teste *Post-hoc Hochberg GT2* (Tabela 14). Através deste, concluiu-se que as estratégias de Cedência são mais vezes aplicadas a crianças com 2 e 3 anos do que a crianças com 4 e 5 anos.

**Tabela 14. Comparação de estratégias de Cedência**

| Idade (anos) | 2 *vs* 3 | 2 *vs* 4 | 2 *vs* 5 | 3 *vs* 4 | 3 *vs* 5 | 4 *vs* 5 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Cedência<br>(diferença média entre idades) | 0,25 | 2,17** | 2,22** | 1,93** | 1,98** | 0,05 |

**p < .05

No que diz respeito às estratégias Envergonhar/Ralhar, Ignorar, Não Punitivas, e Retirar Afeto/Esperar, não foram encontradas diferenças significativas entre as várias idades (Tabela 13).

A existência de diferenças significativas nas estratégias aplicadas face às birras em função do género das crianças foi também estudada, recorrendo-se a testes t-*student* para amostras independentes (Tabela 15).

Existem diferenças significativas entre o género masculino e feminino ao nível das estratégias parentais Retirar afeto/Esperar ($p = .024$), sendo estas estratégias mais frequentemente aplicadas no sexo feminino; e verificou-se também uma diferença marginalmente significativa entre

géneros relativamente às estratégias de Cedência ($p$ = 0,05; Martins, 2011), sendo mais vezes aplicadas no sexo masculino.

**Tabela 15. Comparação das estratégias parentais o género da criança**

| Género | Masculino | Feminino | |
|---|---|---|---|
| | *(n = 77)* | *(n = 84)* | |
| Estratégias | *Média (DP)* | *Média (DP)* | *t* (159) |
| Cedência | 10,55 (3,722) | 9,55 (2,774) | 1,94 |
| Envergonhar/Ralhar | 11,88 (3,543) | 12,04 (2,981) | -0,60 |
| Ignorar | 8,40 (2,889) | 8,85 (2,908) | -0,97 |
| Não Punitivas | 19,18 (3,568) | 19,90 (2,830) | -1,42 |
| Retirar afeto/Esperar | 8,94 (1,954) | 9,64 (1,967) | -2,27* |

*p < .05

## 9. Associação entre manifestações de birra e estratégias parentais

A exploração de uma associação entre as manifestações das birras (Raiva, Isolamento, Angústia) e as estratégias parentais (Cedência, Envergonhar/ralhar, Ignorar, Não punitivas, e Retirar afeto/esperar) foi realizada com recurso ao coeficiente de correlação de *Pearson* (Tabela 16).

Relativamente às manifestações de Raiva, foram encontradas, correlações significativas positivas médias (Cohen, 1988) com as estratégias de Cedência e com as estratégias Envergonhar/ralhar; e correlações significativas negativas baixas (Cohen, 1998) com as estratégias Não punitivas, e com as estratégias Retirar afeto/esperar.

Ao nível das manifestações de Isolamento, foi apenas encontrada uma correlação significativa positiva baixa, associada às estratégias que envolvem Envergonhar/ralhar. Também as manifestações de Angústia apresentaram somente uma correlação significativa positiva baixa com a Cedência.

**Tabela 16. Correlações entre as manifestações de birras e as estratégias parentais**

| | Estratégias Parentais | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Manifestações | Cedência | Envergonhar/ralhar | Ignorar | Não punitivas | Retirar afeto/esperar |
| Raiva | .41** | .33** | .05 | -.20* | -.21** |
| Isolamento | .08 | .17* | .13 | -.05 | .01 |
| Angústia | .19* | .06 | .00 | -.01 | -.09 |

**p < .01

**-Parte 4**

## 10. Análise descritiva dos Motivos de Birra

A parte 4 do questionário, acerca dos três principais motivos de birra (enumerados por ordem), foi também sujeita a uma análise descritiva (Tabela 17) Apontado como o principal causador de birra, destaca-se o motivo *a) Conseguir o que quer*, com uma percentagem de 44,4%, seguindo os motivos g*) Quando está cansado*, e *k) Durante a rotina diária* (...), com as respetivas percentagens de 21,3% e 16,9%. Ocupando o segundo lugar, e pela mesma ordem, estão também os motivos *a)*, *g)* e k) mencionados anteriormente, com as percentagens de 19,7%, 19,1% e 18,5%. Como os terceiros causadores de birra, foram mais vezes mencionados os mesmos itens da primeira posição, sendo que o item *g)* apresentou a percentagem mais elevada (17,9%), seguindo-se o item *a)* (13,5%) e os itens *k)* e *i)* (12,8%).

**Tabela 17. Frequências dos três principais motivos das birras**

| Motivos | 1º Motivo | | 2º Motivo | | 3º Motivo | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | N | % | N | % | N | % |
| a) Para conseguir o que quer | 71 | 44,4 | 31 | 19,7 | 21 | 13,5 |
| b) Quando tem medo | 0 | 0 | 1 | 0,6 | 5 | 3,2 |
| c) Para evitar ou fugir de algo | 12 | 7,5 | 22 | 14 | 12 | 7,7 |
| d) Quando está preocupado | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 1,3 |
| e) Para chamar a atenção | 7 | 4,4 | 18 | 11,5 | 18 | 11,5 |
| f) Quando tem fome | 2 | 1,3 | 4 | 2,5 | 2 | 1,3 |
| g) Quando está cansado | 34 | 21,3 | 30 | 19,1 | 28 | 17,9 |
| h) Quando está nervoso | 1 | 0,6 | 1 | 0,6 | 4 | 2,6 |
| i) Quando está zangado | 2 | 1,3 | 12 | 7,6 | 20 | 12,8 |
| j) Quando está doente | 2 | 1,3 | 8 | 5,1 | 15 | 9,6 |
| k) Durante a rotina diária (…) | 27 | 16,9 | 29 | 18,5 | 20 | 12,8 |
| l) Sem motivo aparente | 2 | 1,3 | 1 | 0,6 | 9 | 5,8 |
| Total | 160 | 100 | 157 | 100 | 156 | 100 |

# V- Discussão

A presente investigação apresenta uma abordagem compreensiva e integradora das birras, ao estudar a sua frequência, duração, manifestações e motivos, e ao analisar a associação entre manifestações e estratégias parentais face às birras. Salienta-se o estudo de um instrumento dirigido especificamente às birras, sem equivalente nacional ou internacional, e a

utilização de uma amostra, ainda que provisória, que abarca, com execção dos 6 anos, um número apreciável de crianças por nível etário (entre 33 e 43 sujeitos). Os principais resultados obtidos serão discutidos tendo por base os objetivos e hipóteses formuladas para esta investigação, e a literatura apresentada no enquadramento teórico.

Praticamente todas as crianças da amostra manifestaram birras nos últimos três meses, e uma percentagem acima de 75% exibiu estas manifestações com uma frequência superior a *1 a 6 vezes* ou *1 a 2 vezes/mês* ou *raramente*, exaltando o caráter frequente e normativo destas manifestações na infância, integrantes do desenvolvimento psico-afectivo (Leung & Fagan, 1991; Queirós et al., 2003). A frequência das birras mais vezes mencionada, em toda a amostra, foi de *7 a 30 vezes*, ou *mais de 2 vezes/mês até 10 vezes por mês*, ou *algumas vezes*, em 34,4% dos casos, apresentando-se inferior, tanto ao relatado por Potegal e Davidson (2003), em que as birras ocorrem em média uma vez ao dia, como à frequência apresentada pelas autoras Mireault e Trahan (2007), que referiram a ocorrência *diária* ou *semanal* das birras em 79% dos casos. Importa, no entanto, mencionar, que nas investigações disponíveis as idades dos participantes não são inteiramente sobreponíveis às do presente estudo, e as dimensões dos grupos etários nem semore se afiguram representativas (Mireault & Trahan, 2007; Österman & Björkqvist, 2010). Ainda assim, os relatos dos pais participantes no estudo de Österman e Björkqvist (2010), apesar de reportarem a um espetro de idades consideravelmente mais extenso (1 a 13 anos), apresentam semelhanças com as frequências deste estudo, principalmente no que concerne à percentagem das birras diárias (*diariamente*), que ocorre em 21.3% das vezes em Österman e Björkqvist (2010), e em 22,1% dos casos deste estudo.

Os resultados deste estudo apontaram que uma idade mais elevada da criança está associada a uma menor frequência de birras, sendo que, no segundo ano de vida (limite etário inferior da amostra), as birras têm uma ocorrência superior, diminuindo a partir dessa idade. A Hipótese 1 é, deste modo, corroborada, seguindo as tendências relatadas por vários autores, como Bhatia e colaboradores (1990); Broder (2013); Einon e Potegal (1994); Österman e Björkqvist (2010); e Potegal e Davidson (2003).

Durante, os *terríveis dois anos*, designação popularmente utilizada

para a caraterização desta idade, as crianças vivem situações que aumentam a probabilidade de ocorrência de birras (Einon & Potegal, 1994). É esperado que a criança já seja, por esta altura, provida das capacidades de se deslocar sozinha, e de vocalizar, e que seja extremamente curiosa, começando também a entender que as birras podem servir como um meio para a obtenção daquilo que desejam, maximizando as oportunidades de conflito (Einon & Potegal, 1994). É também durante o segundo ano de idade, que a individualidade do *self* começa a ser percebida, projetando-se em comportamentos de oposição face ao adulto, como a desobediência, o incumprimento de pedidos e o desafio (Mireault et al., 2008), dos quais são exemplos as birras. Apesar de serem muitas vezes indesejáveis para os pais, estas manifestações permitem à criança desenvolver as capacidades necessárias à expressão da sua autonomia de uma forma socialmente aceitável (Mireault et al., 2008). De acordo com Broder (2013) e Greenberg e Shell (1997), a autorregulação desenvolve-se progressivamente na infância, sendo o segundo ano particularmente relevante (Broder, 2013). O progressivo controlo inibitório (Broder, 2013), o crescente conhecimento físico e social, e a maturação linguística e emocional (Solter, 1992) são possíveis justificações para a diminuição da frequência destes episódios a partir dos dois anos.

A duração dos episódios de birras foi, em mais de metade da amostra, inferior a cinco minutos, consistentemente com o relatado por vários autores como, Broder (2013), que indica durações médias de 4 minutos; Einon e Potegal (1994) e Goodenough (1931), citada por Broder (2013), em que a maioria das durações variam entre 1 e 4 minutos; e Potegal e Davidson (2003), referindo a duração média de 3 minutos (variando entre 1,5 e 5 minutos). Distintamente, Belden e colaboradores (2008) reportaram durações consideravelmente superiores àquelas encontradas neste estudo.

A análise da relação entre a duração das birras e a idade da criança revelou que a duração das birras aumenta com a idade da criança, corroborando a Hipótese 2. Esta conclusão está em linha com as informações apresentadas por Potegal e Davison (2003), que demonstraram um prolongamento do tempo destes episódios à medida que a criança cresce (18 meses, cerca de 2 minutos; aos 60 meses cerca de 5 minutos).

É então de esperar, com base nas conclusões anteriores, que o crescimento da criança, apesar de conduzir à diminuição da frequência das birras, acarrete também episódios mais longos.

A validade de construto da Parte 2 e 3 do QBEP foi avaliada com recurso à análise fatorial exploratória. Na segunda parte, relativa às manifestações de birra, foram obtidos três fatores (Raiva, Angústia e Isolamento) que explicam 46,817% da variância total. Em relação à terceira parte, obtiveram-se cinco fatores (Cedência, Ralhar/Envergonhar, Ignorar, Não Punitivas, e Retirar Afeto/Esperar) que explicam 49,33% da variância total.

A consistência interna das partes supramencionadas foi também avaliada, com recurso ao Alfa de *Cronbach*. A Parte 2 revelou um nível de consistência interna da escala total aceitável (George & Mallery, 2003). No que se refere aos fatores subjacentes, o fator Raiva, apresentou também um valor aceitável, o fator Isolamento revelou um nível já considerado questionável, e o fator Angústia, demonstrou uma consistência frágil (George & Mallery, 2003). Na parte 3, os cinco fatores integrantes revelaram-se pouco consistentes.

Sendo o procedimento de validação de um instrumento de avaliação um processo em aberto, e tendo sido pela primeira vez levado a cabo para o QBEP no presente estudo, é importante ressalvar que a análise das propriedades psicométricas deste questionário deve ser encarada como provisória e prosseguida numa amostra mais numerosa.

A análise descritiva das manifestações das birras em toda a amostra revelou que, chorar e choramingar foram os comportamentos mais exibidos pelas crianças, seguindo-se gritar e agarrar-se a chorar (busca de conforto). Estes resultados assemelham-se àqueles apresentados pelos autores Einon e Potegal (1994), Potegal e Davidson (2003) e Broder (2013), que também relataram chorar e gritar (simultaneamente com berrar), como as manifestações mais frequentes. Bhatia e colaboradores (1990) referem também chorar e gritar entre os comportamentos mais exibidos, verificando-se, no entanto, em menor número na sua investigação do que deitar-se no chão e pontapear. É também de referir que a manifestação agarrar-se a chorar, que não foi abordada em estudos anteriores, ganha destaque nesta

investigação ao apresentar-se entre as mais exibidas pelas crianças da amostra.

Procedeu-se também à exploração de diferenças nas manifestações das birras em função do género e idade da criança. Relativamente à influência da idade nas manifestações das birras, os resultados médios das várias idades demonstraram que, tanto as manifestações de Raiva como de Angústia tendem a diminuir com a idade, ao passo que as de Isolamento aumentam ligeiramente. Contudo, diferenças estatisticamente significativas foram apenas detetadas ao nível da Raiva, tendo sido revelado que as crianças de 2 anos apresentavam mais manifestações deste tipo do que as crianças de 4 anos, e do que (apesar de a um nível marginalmente significativo; Martins, 2011) as crianças de 5 anos. Esta conclusão permite corroborar a Hipótese 3, ao demonstrar que, as manifestações de raiva que ocorrem no decurso das birras são mais frequentes em crianças mais novas.

À exceção de Broder (2013), que compara os comportamentos exibidos por crianças aos 24 e 27 meses e três meses depois (reduzido intervalo de tempo entre idades), sem denotar diferenças significativas, a literatura existente não especifica o tipo de manifestações das birras exibidas em função das idades. Contudo, Potegal e Davidson (2003) referem que a duração dos comportamentos associados ao nível mais elevado de raiva, como gritar, pontapear e bater (Modelo *raiva-angústia*), diminuiu com o aumento da idade, e a duração dos comportamentos associados ao nível mais baixo de raiva, como bater os pés no chão, aumenta com a idade. Já Potegal e colaboradores (2003) identificaram um padrão em que as manifestações de raiva, como gritar, bater ou pontapear (de nível elevado), atingem um pico no início das birras, sendo depois seguidas de comportamentos de angústia, como chorar e procurar atenção. Afigura-se também oportuno, a referência de que chorar (angústia), esteve presente em 90% das birras superiores a 3 minutos (mais longas), e em apenas 60% das birras mais curtas, do estudo de Potegal e Davidson (2003). Concordantemente, as descrições de pais de crianças de estudos anteriores (Camras, 1991; citado por Potegal et al., 2003), indicaram que os episódios de tristeza (representativa da angústia neste contexto) se prolongam por mais tempo do que os episódios de raiva, sugerindo que a maior duração de algumas birras pode dever-se ao prolongamento da angústia.

Os dados acima mencionados, a juntar ao facto, comprovado no presente estudo e afirmado por Potegal e Davidson (2003), de que a duração das birras aumenta com a idade da criança, permitem articular a sugestão de uma justificação para as manifestações de raiva se afigurarem mais frequentes em crianças mais novas: como as crianças mais novas apresentam episódios de birra mais curtos, são as manifestações de Raiva (principalmente de nível elevado, como gritar, bater, pontapear) que ocorrem no início da birra, que neles têm destaque. Relativamente ao ligeiro aumento das manifestações de Isolamento nas crianças com idades superiores, uma possível justificação pode passar pela introspeção, contenção, reflexão e pela manifestação de oposição ou desgrado (através da recusa em comunicar com os outros) - como Amuar, Isolar-se e Evitar o contato - mais caraterísticas de crianças mais velhas e mais desenvolvidas.

No que diz respeito à influência do género nas manifestações das birras foi demonstrado que as manifestações de Raiva são significativamente mais frequentes no género masculino, corroborando a Hipótese 4. Não foram encontrados outros estudos em que fosse feita uma comparação das manifestações de birra em função do género, no entanto, existe a crença empírica e cultural, assim como alguma literatura, que aponta no sentido de que os rapazes apresentam geralmente comportamentos mais agressivos a nível físico (como pontapear, atirar objetos, bater, subjacentes às manifestações de raiva), ou que são fisicamente mais ativos do que as raparigas.

Relativamente às estratégias parentais face às birras, surgem, como as mais empregues em todas as idades, explicar (a explicação de que não se retomará uma atividade até a criança se acalmar), convencer a criança a pedir desculpa, e esperar (esperar que a criança se acalme antes do adulto tomar medidas), seguindo-se as estratégias de aceitar o ponto de vista (levar a criança a aceitar o ponto de vista do adulto), manter-se calmo, conversar, perceber o lado da criança e distrair. É de salientar a diversidade de estratégias abrangidas neste estudo.

Comparando com os resultados de outros autores, estratégias com alguma analogia a explicar e esperar, como a utilização de *time-out*, foram apontadas por Mireault e Trahan (2007) entre as mais frequentes do seu estudo; também Regalado e colaboradores (2004) referiram a explicação e o

*time-out* entre as estratégias aplicadas com mais frequência. Identicamente, Broder (2013) relatou, entre as mais implementadas, estratégias idênticas às do presente estudo, como tentar distrair, falar calmamente, e ajudar a falar sobre as causas da sua raiva. Por outro lado, Bhatia e colaboradores (1990) destacaram entre os relatos dos pais, estratégias semelhantes àquelas que se revelaram das menos utilizadas neste estudo, sendo exemplo, o cumprimento dos pedidos (similar a ceder), e insultar/criticar a criança (similar a Envergonhar/Dizer *não gosto*). Estas diferenças marcadas no modo dos pais agirem perante as birras, podem ser resultado da influência cultural sob os resultados deste estudo realizado na Índia.

Importa também referir que as respostas dos pais, especialmente nesta parte do questionário, podem ter sido influenciadas pela desejabilidade social.

Na investigação de diferenças nas estratégias parentais face às birras em função da idade da criança, foram encontradas diferenças com significância estatística ao nível da Cedência, concluindo-se que estas estratégias são mais comummente aplicadas a crianças mais novas (2 e 3 anos). A Hipótese 5 é, deste modo, corroborada. Assistiu-se também a uma tendência, ainda que não significativa, para a utilização superior das estratégias Não Punitivas e Retirada de Afeto no quarto e quinto ano de idade.

Apesar de não ter sido encontrada literatura que fundamentasse a maior utilização de estratégias face às birras relacionadas com a Cedência nas crianças mais novas, uma justificação plausível relaciona-se com o facto de os pais demonstrarem maior condescendência, quando os filhos são mais pequenos, satisfazendo-lhes mais facilmente as vontades. E dado que nos mais novos predominam as manifestações de Raiva, a exuberância das suas manifestações pode levar à Cedência. Complementarmente, a tendência associada às estratégias Não punitivas, justifica-se pela razão das crianças mais velhas disporem de capacidades cognitivas mais desenvolvidas, facilitando o entendimento de estratégias como as indutivas, que incitam à reflexão das consequências dos seus atos (Hoffman, 1975; 1994).

Foram encontradas diferenças significativas entre o género masculino e feminino ao nível das estratégias parentais face às birras no que

diz se refere às estratégias que envolvem Retirada de Afeto/esperar, sendo mais frequentemente aplicadas em raparigas; e diferenças marginalmente significativas no que diz respeito às estratégias de Cedência, que se verificaram mais vezes associadas aos rapazes. Para além de Regalado e colaboradores (2004), que não assinalaram diferenças significativas nesse sentido, não foi localizada literatura específica que analisasse a existência de diferenças no modo como os pais operam perante as birras consoante o género da criança. Uma possível fundamentação para os resultados obtidos pode residir no facto de o comportamento desadequado (como as birras) ser percecionado como mais normativo nos rapazes do que nas raparigas (Hughes, DeaterDeckard, & Cutting, 1999), levando a uma consequente tolerância para o género masculino, que se reflete, por um lado, numa utilização superior de estratégias de Cedência, e, por outro lado, numa aplicação inferior de estratégias como as subjacentes à Retirada de afeto/esperar. Por outro lado, as raparigas exibem menos manifestações de Raiva, pelo que estratégias como esperar poderão ser mais justificáveis; as crianças do género feminino poderão ainda ser mais sensíveis a este tipo de estratégia.

A investigação da associação entre as manifestações das birras e as estratégias parentais perante as mesmas, demonstrou, relativamente à Raiva, a existência de correlações positivas com as estratégias de Cedência e Envergonhar/Ralhar, e de correlações significativas negativas baixas com as estratégias Não punitivas e Retirar Afeto/esperar. Ao nível das manifestações de Isolamento, foi somente encontrada uma correlação significativa positiva baixa com as estratégias Envergonhar/Ralhar; assim como ao nível das manifestações de Angústia, que revelaram uma correlação significativa positiva baixa com a Cedência. Os valores das correlações relativos às manifestações de Angústia e Isolamento, podem ter sido condicionados pela menor amplitude e variabilidade dos respetivos resultados (Goodwin & Leech, 2006).

O presente estudo afigura-se como o primeiro a examinar esta associação, não tendo sido localizado nenhum outro no mesmo sentido. Importa ressalvar que, tratando-se de uma análise correlativa, as explicações que se apresentam são apenas sugestões. A associação das estratégias de Cedência com as manifestações de Raiva e Angústia pode dever-se à

perceção das crianças, de que as manifestações físicas mais notadas e/ ou explosivas (associadas principalmente às manifestações de Raiva), por serem mais incómodas, podem ter um caráter persuasivo sobre os pais, sendo eficazes na obtenção do que a criança deseja; os pais acabam por ceder, por ser o *caminho* mais fácil e não terem que enfrentar este tipo de episódios que, particularmente nas manifestações de raiva, podem gerar profundo desconforto nos pais. Concernente à associação encontrada entre as estratégias Envergonhar/Ralhar e as manifestações de Raiva sugere-se a seguinte relação: as estratégias do tipo coercivo, como envergonhar e ralhar, fazem com que a criança controle os seus comportamentos em função de punições, podendo desenvolver emoções intensas como medo e raiva; contudo, quando as crianças demonstram comportamentos mais agressivos são também difíceis de lidar, dificultando a utilização de estratégias de disciplina indutivas, gerando-se um ciclo coercivo (Fite et al., 2006). As estratégias Não punitivas e Retirar afeto/esperar estão negativamente associadas com as manifestações de Raiva: as primeiras, podem não promover este género de episódios ao incitar a criança à reflexão e à análise das consequências do seu comportamento (Hoffman, 1975, 1994); por outro lado, esperar e dizer *não gosto* também podem ter algum efeito sob estas manifestações. A associação apresentada entre as estratégias Envergonhar/Ralhar e as manifestações de Isolamento pode ser explicada pela tentativa dos pais de culpabilizarem a criança, levando-a a isolar-se e evitar o contacto. Mas como se trata de uma análise correlacional, também é possível que os pais tentem que a criança termine com os comportamentos de isolamento. Finalmente, a análise recai sobre a relação entre as manifestações de Angústia e as estratégias de Cedência: a maior tristeza e sofrimento associado a este tipo de manifestações, pode provocar nos pais sentimentos de compaixão que culminam em Cedência; por outro lado, as crianças podem também entender estes comportamentos como eficazes no sentido do cumprimento dos seus desejos.

A ordenação dos principais motivos das birras pelos pais revelou que as crianças exibem estes episódios, fundamentalmente: para conseguirem o que querem, quando estão cansadas, durante a rotina diária, e quando estão zangadas. Estes resultados assemelham-se aos desencadeantes de birras mais indicados em estudos anteriores (Bhatia et al., 1990; Broder, 2013; Einon &

Potegal, 1994; Mireault & Trahan, 2007). Os motivos indicados incluem situações em que existe uma imposição por parte do adulto (acarretando a não satisfação da sua vontade e/ou mudança de atividade – rotinas), e estados físicos/emocionais em que a criança se encontra mais frágil, apresentando dificuldade em controlar-se, e propiciando estas exibições.

## VI - Conclusão

A presente investigação procurou contribuir com informações relevantes para a compreensão das birras e das estratégias utilizadas pelos pais perante as mesmas. Foi desenvolvido o Questionário das Birras e Estratégias Parentais (QBEP), dirigido especificamente a estes episódios, e iniciado o estudo da sua validade.

Os resultados demonstraram que as birras são mais frequentes no segundo ano de vida, diminuindo à medida que a criança cresce, e que a sua duração (nos 2 a 6 anos), é, em mais de metade dos casos, inferior a 5 minutos, replicando o relatado em estudos internacionais (Bhatia et al., 1990; Broder, 2013; Einon & Potegal, 1994; Goodenough, 1931; Österman & Björkqvist 2010; Potegal & Davidson, 2003). Foi também demonstrado que a duração destes episódios aumenta com a idade da criança, como Potegal e Davidson (2003) haviam apontado. As análises realizadas indicaram que as manifestações de raiva são mais frequentes em crianças com idades inferiores e em rapazes, tendo sido também revelada uma tendência, ainda que não revestida de revelência estatística, para uma exibição superior de manifestações de isolamento em crianças mais velhas. As estratégias não punitivas afiguraram-se como as mais implementadas pelos pais, sendo que, no caso das crianças mais novas, são as estratégias de cedência as mais adotadas.

A análise fatorial do QBEP levou à obtenção, de três fatores (Raiva, Angústia e Isolamento) na Parte 2, e de cinco fatores (Cedência, Ralhar/Envergonhar, Ignorar, Não Punitivas, e Retirar Afeto/Esperar) na Parte 3. No que respeita à consistência interna, a Parte 2 revelou um nível de consistência interna da escala total aceitável (George & Mallery, 2003), contudo, na Parte 3, os fatores revelaram-se pouco consistentes.

Paralelamente ao caráter integrador e compreensivo da abordagem desta investigação, do desenvolvimento e estudo de um questionário sem

equivalente nacional ou internacional, e da análise de associações não antes investigadas (como é exemplo a associação entre manifestações e estratégias parentais), são também destacáveis algumas fragilidades. A dimensão da amostra deveria ser superior, principalmente para benefícios associados ao estudo da validade. Contudo, sendo o processo de validação de um instrumento um processo inacabado, apela-se à prossecução da análise psicométrica do QBEP numa amostra mais numerosa. Um outro limite está relacionado com a homegeneidade subjacente ao nível socioeconómico dos participantes, maioritariamente pertencentes a um NSE médio (Simões, 1995), apesar da recolha da amostra ter sido realizada em quatro instituições distintas, distribuídas por três distritos.

Como direções futuras, sugere-se o estudo da influência de outras variáveis, como as sociodemográficas (ex:. nível socioeconómico; posição na fratria; tipo de família…), nas manifestações de birra e nas estratégias parentais aplicadas. As associações encontradas entre as manifestações de birra e as estratégias parentais podem fornecer pistas acerca da forma mais adequada dos pais lidarem com estes episódios, sugerindo-se explorações da direção destas associações. No mesmo sentido, também seria pertinente a exploração de uma relação entre a frequência das birras e as estratégias parentais. Posteriormente, seria interessante o desenvolvimento de uma versão do questionário para educadores de infância, possibilitando a comparação das dimensões das birras e as estratégias aplicadas (entre contexo socioeducativo e familiar).

As birras infantis, em maior ou menor frequência e duração e com uma exuberância mais ou menos marcada, são algo com que a maioria dos pais e cuidadores lidou ou terá que lidar. É por isso importante o entendimento destes episódios e das dimensões que os condicionam, no sentido de determinar as formas mais adequadas de os gerir, tanto pelos pais como pela criança.

**Bibliografia**

Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14*(3), 449-460.

Barlow, J., & Stewart-Brown, S. (2000). Behavior problems and group-based parent education programs. *Development and Behavior Pediatrics, 21*(5), 356-370.

Belden, A., Thomson, N., & Luby, J. (2008). Temper tantrums in healthy versus depressed and disruptive preschoolers: Defining tantrum behaviors associated with clinical problems. *The Journal of Pediatrics, 152,* 117-122.

Bath, H. J. (1994). Temper tantrums in group care. *Child and Youth Care Forum, 23*(1), 5-27.

Bhatia, M. S., Dhar, N. K., Singhal, P. K., Nigam, V. R, Malik, S. C., & Mullick, D. N. (1990). Temper tantrums. Prevalence and etiology in a non-referral outpatient setting. *Clinical Pediatrics, 29*, 311–315.

Barber, B. K. (1996), Parental psychological control: Revisiting a neglected construct. *Child Development, 67*, 3296–3319.

Brenner, V., & Fox, R. A. (1998). Parental discipline and behavior problems in young
children. *The Journal of Genetic Psychology, 159*(2), 251-256.

Bret, S., Stetka, M. D., Christoph, U., & Correll, M. D. (2013). *A guide to DSM-5. Disruptive Mood Dysregulation Disorder*. Acedido a 1 de Abril de 2015 em http://www.medscape.com/viewarticle/803884_6.

Broder, L. (2013). *Individual differences in toddlers' temper tantrums: The role of language and self-regulation*. Doctoral Dissertation University of Connecticut, Connecticut, United States of America.

Campos, J. J., Frankel, C. B., & Camras, L. (2004). On the nature of emotion regulation. *Child Develompent, 75*(2), 377–394.

Carr E., & Newsom, C. (1985). Demand-related tantrums: conceptualization and treatment. *Behavior Modification, 9*, 403-426.

Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Daniels, E., Mandleco, B., & Luthy, K. E. (2012). Assessment, management, and prevention of childhood temper tantrums. *Journal of American Academy of Nurse Practitioners, 24,* 569–573.

DeVellis, R. F. (2003). *Scale development: Theory and applications*. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications.

Einon, D. F. & Potegal, M. (1994) Temper tantrums in young children. In M. Potegal, & J. Knutson, (Eds.), *The dynamics of aggression: Biological and social processes in dyads and groups.* (pp. 157 -194). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates

Eisbach, S. S., Cluxton-Keller, F., Harrison, J., Krall, J. R., Hayat, M., & Gross, D. (2014). Characteristics of temper tantrums in preschoolers with disruptive behavior in a clinical setting. *Journal of Psychosocial Nursing & Mental Health Services, 52*(5), 32-40.

Field, A. P. (2009). *Discovering statistics using SPSS: and sex and drugs and rock 'n' roll* (3rd ed.). London: Sage publications.

Fite, P. J., Colder, C. R., Lochman, J. E., & Wells, K. C. (2006). The mutual influence of parenting and boys' externalizing behavior problems. *Journal of Applied Developmental Psychology, 27*, 151-164.

George, D., & Mallery, P. (2003). *SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference 11.0 update* (4th ed.). Boston: Allyn & Bacon.

Giesbrecht, G. F., Miller, M. R., & Müller, U. (2010). The anger-distress model of temper tantrums: Associations with emotional reactivity and emotional competence. *Infant and Child Development, 19*, 478-497.

Goode, C. B. (2007). Temper tantrums - dealing with your toddler's tantrums. *Pediatrics for Parents, 23(*8), 22-23.

Goodwin, L. D., & Leech, N. L. (2006). Understanding correlation: Factors that affect the size of r. *Journal of Experimental Education, 74* (3), 251–266.

Gouveia, R. (2009). As birras na criança. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar.*
Acedido a 10 de Março de 2015, http://www.rpmgf.pt/ojs/index.php?journal=rpmgf&page=article&op=view&path%5B

Green, J. A., Whitney, P. G., & Potegal, M. (2011). Screaming, yelling, whining, and crying: Categorical and intensity differences in vocal expressions of anger and sadness in children's tantrums. *Emotion, 11*(5), 1124-1133.

Greenberg, M. T., & Snell, J. (1997). The neurological basis of emotional development. In P. Salovey (Ed.), *Emocional development and emotional literacy* (pp. 92-119). New York: Basic Books.

Harrington, R. (2004). *Temper tantrums: Guidelines for parents*. Acedido em http://www.coventryschools.net/Resources/TipsForParents/TemperTantrums

Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology, 11*, 228-239.

Hoffman, M. (1994). Discipline and internalization. *Development Psychology, 30*(1), 26-28.

Hughes, C., Deater-Deckard, K., & Cutting, A. L. (1999). 'Speak roughly to your little boy'? Sex differences in the relations between parenting and preschoolers' understanding of mind. *Social Development, 8*, 143-160.

Leung A., & Fagan J. (1991). Temper tantrums. *American Family Physician, 44*(2), 559-564.

MacCallum, R. C., Widaman, K. F., Zhang, S. B., & Hong, S. H. (1999). Sample size in factor analysis. *Psychological Methods, 4*, 84–99

Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. Pero Pinheiro: Report Number.

Marôco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia, 4*, 65-90.

Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao SPSS*. Braga: Psiquilibrios.

Mireault, G., Rooney, S., Kouwenhoven, K., & Hannan, C. (2008). Oppositional behavior and anxiety in boys and girls: a cross-sectional study in two community samples. *Child Psychiatry and Human Development, 39*, 519-527.

Mireault, G., & Trahan, J. (2007). Tantrums and anxiety in early childhood: a pilot study. *Early Childhood, Research and Practice, 9*(2), 1-9.

Moreira, J. M. (2004). *Questionários: Teoria e prática*. Coimbra, Livraria Almedina.

Morris, A. S, Steinberg, L., Sessa, F. M., Avenevoli, S., Silk, J. S, Essex, M. J. (2002). Measuring children's perceptions of psychological control: Developmental and conceptual considerations. In B. K., Barber (Eds.) *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents*. (pp. 125–159). Washington, DC: American Psychological Association.

Österman, K., & Björkqvist, K. (2010). A cross-sectional study of onset, cessation, frequency, and duration of children's temper tantrums in a nonclinical sample. *Psychological Reports, 106*(2), 448-454.

Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual: a step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (version 12)* (2nd ed.). Sidney: Ligare.

Potegal, M., Carlson, G., Margulies, D., Gutkovitch, Z., & Wall, M. (2009). Rages or temper tantrums? - The behavioral organization, temporal characteristics, and clinical significance of angry-agitated outbursts in child psychiatry inpatients. *Child Psychiatry and Human Development, 40*, 621-636.

Potegal, M., & Davidson, R. (2003). Temper tantrums in young children: 1. Behavioral composition. *Developmental and Behavioral Pediatrics, 24*(3), 140-147.

Potegal, M., Kosorok, M., & Davidson, R. (2003). Temper tantrums in young children: 2. Tantrum duration and temporal organization. *Developmental and Behavioral Pediatrics, 24*(3), 148-154.

Queirós, O., Goldschmidt, T., Almeida, S., & Gonçalves, M. (2003). O outro lado das birras. *Análise Psicológica, (XX)*, 95-102.

Regalado, M., Sareen, H., Inkelas, M., Wissow, L. S., & Halfon, N. (2004). Parents' discipline of young children: Results from the national survey of early childhood health. *Pediatrics, 113*(6), 1952-1958.

Roth, P.L. (1994). Missing data: A conceptual review for applied psychologists. *Personnel Psychology*, 47, 537-560.

Rothbart, M. K., & Posner, M. I. (1985). Temperament and the development of self regulation. In H. Hartledge, & C.R. Telzrow (Eds.), *Neuropsychology of individual differences*, New York: Plenum.

Salvador, A. P., & Weber, L. N. (2005). Práticas educativas parentais: Um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia, 9*(2), 341-353.

Silva, A. (2013). *Birras infantis, estilos educativos parentais e comportamentos de punição*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia submetida à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra: Coimbra.

Simões, M. R. (1994). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas de Raven* (M.P.C.R.). Tese de doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Siniscalco, M. T., & Auriat, N. (2005). Questionnaire design: Quantitative research methods in educational planning. Paris: UNESCO International Institute for Educational Planning. Acedido em
http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002145/214555E.pdf

Snyder, J., Stoolmiller, M., Wilson, M. & Yamamoto, M. (2003), Child anger regulation, parental responses to children's anger displays, and early child antisocial behavior. *Social Development, 12*, 335–360.

Solter, A. (1992). Understanding tears and tantrums. *Young Children, 47*(4), 64-68.

Stevens, J. (1986). *Applied multivariate statistics for the social sciences*. Hillsdale, NJ: Lawrence
Erlbaum Associates.

Trentacosta, C. J., & Izard, C. E. (2007). Kindergarten children's emotion competence as a predictor of their academic competence in first grade. *Emotion, 7*(1), 77-88.

Verhoeven, M., Junger, M., Aken, C., Deković, M., & Aken, M. A. (2010). Parenting and children's externalizing behavior: Bidirectionality during toddlerhood. *Journal of Applied Developmental Psychology, 31*, 93–105.

Wakschlag, L., Briggs-Gowan, M., Carter, A., Hill, C., Danis, B., Keenan, K., & Leventhal, B. (2007). A developmental framework for distinguishing disruptive behavior from normative misbehavior in preschool children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 48*, 976–987.

Wakschlag, L. S., Choi, S. W., Carter, A. S., Hullsiek, H., Burns, J., McCarthy, K., Leibenluft, E., & Briggs-Gowan, M. J. (2012). Defining the developmental parameters of temper loss in early childhood: Implications for developmental psychopathology. *Journal Child Psychology Psychiatry, 53*, 1099–1108.

Wakschlag, L. S., Tolan, P. H., & Leventhal, B. L. (2010). Research review: "Ain't misbehavin": Towards a developmentally-specified nosology for preschool disruptive behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 51*, 3-22.

Wilcox, R. R. (2003). *Applying contemporary statistical techniques*. San Diego: Elsevier.

Zentner, M., & Bates, J. (2008). Child temperament: An integrative review of concepts, research programs, and measures. *European Journal of Developmental Science, 2*, 7–37.

Zifan, A., & Gharihzadeh, S. (2006). The chaotic nature of temper in humans: A long short-term memory recurrent neural network model. *Medical Hypotheses, 67*, 658-661.

# Anexos

**Anexo 1 -** Informação aos pais/ Pedido para participação na Investigação

**-Preenchimento de Questionário-**

**Estimados Pais/ Encarregados de Educação,**

O meu nome é Filipa Seabra e sou aluna finalista do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Estou a desenvolver uma investigação acerca das birras infantis e das atitudes parentais face às mesmas, que tem como objetivo a análise das principais causas, tipos de manifestações e as formas utilizadas pelos pais para lidarem com este comportamento.

Sendo que as birras são um comportamento frequentemente manifestado na infância, e com o qual os pais estão familiarizados, venho por este meio pedir a sua participação nesta investigação, pelo preenchimento de um breve questionário de 4 páginas. A informação recolhida será confidencial e anónima, e os dados recolhidos serão utilizados apenas no presente estudo. A sua contribuição será muito importante.

Peço-vos que após o preenchimento, entreguem o questionário à Educadora do(s) seu(s) filho(s), ou o deixem numa caixa para o efeito, preferencialmente até ao dia (  /  /  ).

Muito obrigada pela sua atenção e participação!

Filipa Seabra